INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

O paradoxo dos democratas iliberais: o papel explicativo da intolerância e da polarização

Carlota de Oliveira Gonçalves Leal

Mestrado em Ciência Política

Orientadora:
Doutora Ana Maria Belchior, Professor Associado (com Agregação)
Iscte - Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2025

SOCIOLOGIA
E POLÍTICAS PÚBLICAS

Departamento de Ciência Política e Políticas Públicas

O paradoxo dos democratas iliberais: o papel explicativo da intolerância e da polarização

Carlota de Oliveira Gonçalves Leal

Mestrado em Ciência Política

Orientadora:
Doutora Ana Maria Belchior, Professor Associado (com Agregação)
Iscte - Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2025

Aos meus pais

Agradecimento

Esta dissertação reflete o contributo inestimável de várias pessoas e animais. Agradeço a todos. Ao meu tio Paulo, que sempre me despertou curiosidade quando dizia "eles são todos iguais!", o seu apoio e confiança foram algo a que me agarrei. Aos meus pais, Nela e Carlos, que me ensinaram a ser sensível e aberta ao mundo e às pessoas que cruzam as nossas vidas. O amor, carinho e compaixão que estendem a toda a gente é a lição mais valiosa que já aprendi. Amo-vos muito. Ao meu irmão, João Pedro, graças a ti, nunca soube o que era estar sozinha; estás sempre lá para me ajudar a passar mais um nível. Noutro plano da vida, à Vó Maria e à Avó Salete, que me incutiram a importância de estudar, do poder curativo de um beijinho, de me divertir, ser livre e pertencer a mim mesma. Ao meu avô José e ao avô Joaquim, que provaram que o que há para além do medo de recomeçar vale sempre a pena.

Agradeço aos meus amigos, a minha âncora. À Francisca, mostras-me o quão grande a vida é e fazes-me companhia nas hesitações, piadas e memórias de termos crescido já tanto. À Ana, que sabe sempre o que dizer e não recusa uma sessão de trabalho que se torna numa de risos e conversas sobre tudo menos as dissertações. Ao Pedro, que alinha nisto e pelo meio oferece um conselho para a vida. À Beatriz, companheira de sessões de estudo, apaixonada por conhecimento, ciente do quão íntimo é produzi-lo: nunca deixou que me perdesse neste processo e noutros. Ao Igor, por mostrar que as barreiras podem ser superadas e relativizadas. Ao João, pelo carinho, ajuda e paciência – sinto-me em terra firme contigo. Aos amigos que o ISCTE me deu: Maria, Antónia e Luís. Sou eternamente grata por ter um grupo de amigos tão amoroso e fiável. À Maria, e a sua persistência e força. À Antónia, e a sua coragem e boa-disposição. Ao Luís, desafiador e sem medo de falar, nunca deixou que Lisboa e o Mestrado se tornassem sinónimos de solidão. Com vocês a vida sabe melhor e tudo é possível de alcançar, quer estejamos na Torre, em Santiago, na Terceira, em Timor, sentados no sofá da Almedina ou num banco da Biblioteca Nacional.

À minha orientadora, Ana Maria Belchior, que sempre viu o potencial na dissertação e em mim.. Como mulher, admiro ainda mais o seu trabalho, motivação e energia que traz para a troca de ideias, e para sonhar sempre um bocadinho mais alto.

Aos meus amigos de quatro patas: Fiona, Drago, Mimi, Toninho, Azeitona, Mãe, Chica, Chico, Primo, Gata da Patinha, Gata Mãe, Gato da Franja, Grandalhão, Bilu e Kiko. São amor incondicional, a liberdade e a beleza de subir a um telhado ver o mundo passar.

Resumo

Esta dissertação analisa os determinantes do perfil dos democratas iliberais, cidadãos que apoiam, simultaneamente, a democracia e formas de governo iliberais. Procurando responder à questão "que fatores atitudinais e políticos explicam os democratas iliberais?", temos cinco objetivos que se prendem a averiguar o impacto de diferentes preditores na explicação deste tipo de democratas. O primeiro prende-se com o autoposicionamento político, o segundo com a simpatia por partidos populistas da direita radical, o terceiro com a intolerância social para com imigrantes, o quarto com a intolerância social para com homossexuais, e o quinto com o efeito moderador da simpatia por tais partidos e a intolerância social para com os grupos mencionados. Tais objetivos e fatores refletem as duas linhas explicativas visadas na literatura prévia: a polarização ideológico-partidária e a intolerância social. Ambas explicam a quebra de compromisso democrático. Utilizando os dados disponibilizados da ondas de inquéritos de 2017-2022, do Integrated Social Surveys, para 21 democracias plenas europeias, realizou-se modelos de regressões logísticas binárias. Concluiu-se que os fatores em análise são estatisticamente significativos. Em suma, a iliberalidade está associada a indivíduos que se colocam mais à direita na escala política, simpatizam com partidos populistas da direita radical, e são mais intolerantes para com imigrantes e homossexuais.

Palavras-chave: democracia; iliberalismo; polarização ideológico-partidária; direita radical; intolerância social; imigrantes; homossexuais.

Abstract

This dissertation analyzes the determinants of the profile of illiberal democrats — citizens who simultaneously support democracy and illiberal forms of government. Seeking to answer the question, "Which attitudinal and political factors explain illiberal democrats?", the study pursues five main objectives related to assessing the impact of different predictors in explaining this type of democrat. The first concerns political self-placement; the second, sympathy for populist radical right parties; the third, social intolerance toward immigrants; the fourth, social intolerance toward homosexuals; and the fifth, the moderating effect of sympathy for such parties and social intolerance toward the aforementioned groups. These objectives and factors reflect the two explanatory lines identified in the previous literature: ideological–partisan polarization and social intolerance. Both contribute to the erosion of democratic commitment. Using data from the 2017–2022 waves of the *Integrated Social Surveys* covering 21 full European democracies, binary logistic regression models were estimated. The results indicate that the factors under analysis are statistically significant. In sum, illiberalism is associated with individuals who position themselves further to the right on the political scale, sympathize with populist radical right parties, and display higher levels of intolerance toward immigrants and homosexuals.

Keywords: democracy; illiberalism; ideological-partisan polarization; radical right; social intolerance; immigrants; homosexuals**.**

Índice

Agradecimento iii

Resumo v

Abstract vii

CAPÍTULO 1 - ENQUADRAMENTO TEÓRICO CONCEPTUAL: DEMOCRACIA, APOIO AO REGIME, TIPOS DE DEMOCRATA E SUAS DETERMINANTES 5

1.1. Democracia: conceptualização e perceção do regime pelos cidadãos 5

1.2. O apoio ao regime democrático 8

1.2.1. Democracia: Legitimidade, apoio específico e difuso 8

1.2.2. Evolução do apoio à democracia: Estado da arte 9

1.3. Democratas: liberais e iliberais 11

1.3.1. Dos democratas insatisfeitos ou críticos, aos democratas iliberais 11

1.4. Determinantes do perfil do cidadão democrata iliberal 14

1.4.1. Polarização ideológico-partidária 15

1.4.2. O crescimento da intolerância 17

1.4.2.1. A intolerância para com imigrantes 18

1.4.2.2. O efeito do populismo de direita radical e a intolerância para com imigrantes 20

CAPÍTULO 2 – ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO 25

2.1. Modelo de análise: operacionalização de conceitos 25

2.2. Metodologia e dados 27

CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DOS MODELOS DE POLARIZAÇÃO E INTOLERÂNCIA 29

3.1. A caracterização dos democratas: autoposicionamento, polarização e intolerância 29

3.2. Análise multivariada: polarização, intolerância e sua interação 31

Conclusões 37

Referências Bibliográficas 40

Anexos 46

Introdução

Nas últimas décadas, os regimes democráticos liberais das sociedades ocidentais têm sido alvo de crescente questionamento e ceticismo por parte dos seus cidadãos, espelhado pela crescente abstenção eleitoral e desconfiança dos cidadãos em relação aos representantes e instituições políticas (Foa e Mounk, 2016). Entre estes sinais, a pesquisa tem em particular vindo a sinalizar o crescimento do défice democrático; isto é, de um *gap* entre as aspirações dos cidadãos e a sua satisfação com a performance do regime. A par disso, foi identificada a emergência de cidadãos críticos (*critical citizens*), indivíduos cuja forma ideal de governo é a democracia, mas que são céticos na avaliação do funcionamento da mesma no seu país (Norris, 2011). Este cenário realça o acentuar de uma perspetiva crítica sobre como os cidadãos veem a democracia e, crucialmente, o facto de o apoio a esta poder ser ambivalente e multívoco.

A par do crescimento desta visão crítica relativa ao regime político, os níveis de apoio ao sistema democrático têm nas últimas décadas revelado alguma instabilidade, decaindo nos momentos de crises económicas e sociais (Kotzian, 2010; Armingeon e Guthmann, 2013; Cicatiello, 2022). Ao mesmo tempo, as sociedades democráticas estão mais polarizadas, quadro promovido pelo crescente populismo extremista, de direita radical, que potencia a intolerância (Wodak, 2015; Mudde e Kaltwasser, 2017; Stavrakakis, 2018; Altiparmakis et al., 2024). Ao fomentar a polarização e intolerância dos eleitorados, o populismo de direita radical põe em causa bases e os princípios democráticos do sistema político (Svolik et al., 2023). Consistentemente, regista-se uma crescente abertura dos indivíduos a formas de governo antidemocráticas (Foa e Mounk, 2016; Schäfer, 2022). Verifica-se, em particular, um tipo de cidadãos que concilia em simultâneo o apoio à democracia como forma preferencial de regime e o formas autoritárias de governo (Svolik et al., 2023). Este perfil de democratas, designado nesta dissertação como "democratas iliberais", permanece em larga medida por explorar, limitando-se a um número restrito de estudos (Sarsfield e Schedler, 2007; Choi e Woo, 2024), que não permitem avaliar cabalmente a expressão destes democratas iliberais e o que os explica. Dada a ambivalência que os mesmos denotam face ao regime democrático, colocando em causa a legitimidade da democracia na medida em que aceitam formas não democráticas de governo, importa investigar este fenómeno com maior profundidade.. É para esta lacuna da literatura que

a presente dissertação pretende contribuir, tendo como questão de partida: que fatores atitudinais e políticos explicam os democratas iliberais?

Na literatura podemos encontrar duas linhas explicativas para esta quebra de compromisso para com a democracia. A primeira, diz respeito à polarização ideológico-partidária como principal motivador para essa quebra, uma vez que os indivíduos evidenciam abdicar de princípios democráticos em favor de interesses partidários (Svolik, 2019; Graham e Svolik, 2020; Bryan, 2023). Acresce ainda a observação da propensão, dos indivíduos à direita, para exibirem o mesmo padrão (Donovan, 2019; Hutter e Kriesi, 2022; Gessler e Wunsch, 2023). A segunda linha da literatura considera atitudes de intolerância social como o preditor mais saliente, sugerindo que a quebra de compromisso democrático está relacionada com o sentimento anti-imigração e homofóbico (Hurwitz e Mondak, 2002; Sarsfield e Schedler, 2007; Inglehart e Norris, 2019; Schäfer, 2022; Hutter e Kriesi, 2022). Estes grupos sociais são também os mais visados pela direita radical nos últimos anos (Wodak, 2015; Mudde e Kaltwasser, 2017; Bowler, 2017; Vierus e Ziller, 2023; Altiparmakis, 2024; Svolik et al., 2019; Lantos et al., 2024; Eideloch, 2025) A presente dissertação procura aferir de que modo estas duas linhas podem explicar o perfil dos democratas iliberais, e como se podem interligar.

Posto isto, esta dissertação tem como principal objeto de estudo os democratas iliberais, numa onda de inquéritos de 2017 a 2022. São incluídas nesta pesquisa democracias plenas, da Europa. Delineou-se, assim, seis objetivos para esta dissertação. O primeiro, descritivo, caracteriza os democratas iliberais em relação aos fatores em análise. Os restantes objetivos são de natureza explicativa. O segundo objetivo visa aferir o efeito da polarização ideológico-partidária neste perfil de democratas; o terceiro irá aferir o efeito da intolerância social em relação a imigrantes nestes democratas; o quarto, semelhante ao terceiro, aferirá o efeito da intolerância social em relação a homossexuais; o quinto procura aferir o papel moderador da simpatia por partidos populistas de direita radical no efeito das atitudes de intolerância na explicação deste perfil de democratas.

A dissertação está organizada em diferentes capítulos e subcapítulos. O primeiro capítulo "Enquadramento teórico conceptual" irá sistematizar a temática envolvente, num primeiro momento, do apoio à democracia e, de seguida, dos determinantes dos democratas iliberais, como o autoposicionamento na escala política, a polarização ideológico-partidária (a partir da simpatia por partidos populistas da direita radical), e a intolerância para com imigrantes e, por fim, para com homossexuais. Procuramos ainda estabelecer o efeito desta simpatia nos partidos anteriormente mencionados, quando conjugado com a intolerância para com as minorias citadas, para explicar em que medida o indivíduo pode ser democrata iliberal.

Ainda neste capítulo, são apontadas lacunas na literatura existente. O segundo capítulo do "Enquadramento metodológico", visa apresentar o plano metodológico da análise. Este inclui a operacionalização de conceitos, o método a utilizar, os casos em estudo, bem como a análise dos dados recolhidos e tratados. O terceiro capítulo, "Resultados", apresenta os resultados da análise de dados, visando responder à questão e objetivos, assim como o teste das hipóteses. Por fim, a Conclusão apresenta as considerações finais, fazendo uma súmula dos resultados obtidos e enfatizando o contributo destes para a literatura sobre o tópico em estudo, referindo ainda aspetos ligados à realização da investigação e futuras pistas para esta.

CAPÍTULO 1 – ENQUADRAMENTO TEÓRICO CONCEPTUAL: DEMOCRACIA, APOIO AO REGIME, TIPOS DE DEMOCRATA E SUAS DETERMINANTES

Introdução

Neste capítulo apresenta-se a sistematização da literatura na base da presente pesquisa, discutindo-se os contributos teóricos mais relevantes sobre o tópico investigado. Sumariam-se as principais características de um regime democrático, bem como os indicadores do apoio político mais prevalecentes na literatura. Focamo-nos ainda nos tipos de democrata que a pesquisa prévia tem identificado, em especial os iliberais, salientando características destes bem como possíveis fatores para a sua existência. Posteriormente expõe-se, então, as duas grandes linhas explicativas para a quebra de compromisso dos cidadãos em relação aos princípios democráticos: a da polarização ideológico-partidária e intolerância social. Centramo-nos mais extensivamente no posicionamento à direita, e na simpatia por partidos populistas de direita radical (no que toca à primeira linha) e nas atitudes de intolerância em relação a imigrantes e a homossexuais como principais determinantes para a emergência dos democratas iliberais.

1.1. Democracia: conceptualização e perceção do regime pelos cidadãos

Nesta secção, debruçamo-nos sobre o conceito de democracia. Primeiramente, olhamos sumariamente para a evolução dos regimes democráticos desde as cidades-estado gregas até à contemporaneidade. Apresentam-se ainda as definições de democracia mais centrais na literatura, diferenciando-as entre minimalistas e processuais. Por último, foca-se a multiplicidade de noções de democracia junto dos indivíduos, com particular atenção às iliberais.

O conceito de democracia remete-nos para a Grécia Antiga e as suas cidades-estado. Nestas, a *demokratia* representava o poder do e para o povo (Della Porta, 2002, p. 50). Este assentava num sistema de cidadania reservada apenas a alguns indivíduos da *polis*. Quem usufruía do estatuto de cidadão encontrava-se em pé de igualdade com os seus semelhantes, reunidos em assembleias. Todos os restantes (mulheres, escravos) eram excluídos do processo de decisão política (Mansbridge, pp. 19-20). Esta democracia direta, e cidadania de carácter exclusivo, sofreu alterações ao longo da história. Em particular, no século XVIII, na Europa, é aberto espaço à construção de uma relação de consulta mútua, igualitária e protetora entre os

cidadãos e o Estado (Tilly, 2007, p. 28). Estabelecem-se ainda democracias parciais no século seguinte; isto é, sistemas políticos com eleições legislativas livres e plurais, em que o executivo é eleito direta ou indiretamente e responde aos eleitores ou ao legislativo, e em que a maioria da população tem direito ao sufrágio (em concreto, apenas os homens podiam votar) (Boix et al., 2020, pp. 55-56). Todavia, é apenas no século XX que assistimos a uma extensão da cidadania, com o alargamento do sufrágio às mulheres. Porém, o exercício da cidadania manteve-se marcado por princípios excludentes, como salientado pelas ondas do movimento feminista, dos direitos civis e dos direitos sexuais (Lister, 2003, p. 11; Tilly, 2007, p. 28; Arruzza et al., 2019, p. 67). Muito nos separa do modelo de democracia da Grécia Antiga. O seu carácter direto e excludente transformou-se progressivamente, ao longo dos séculos, num regime político que incorpora princípios de igualdade, representação e inclusão. Ainda assim, na sua contemporaneidade, as democracias continuam a contemplar situações de profunda desigualdade social (designadamente em relação à raça, género, orientação sexual e classe).

Do ponto de vista conceptual, a democracia tem sido alvo de múltiplas abordagens. Uma delas define a democracia de modo minimalista ou procedimental. Nesta, a democracia é vista como um sistema para chegar a decisões políticas, em que os indivíduos adquirem poder político por meio de uma luta eleitoral competitiva (Schumpeter, 1947, p. 269; Cheibub et al., 1996, pp. 50-51). Outras conceptualizações de democracia são mais inclusivas do ponto de vista da participação dos cidadãos, como as processuais. Estas entendem que para a democracia satisfazer as preferências dos cidadãos, com governos responsivos ao eleitorado, é preciso que os processos políticos permitam aos cidadãos formar e manifestar as suas preferências e que as elites políticas atendam a estas e as considerem no processo de tomada de decisão (Dahl, 1989, p. 5). É nesta aceção que também se enquadra o conceito de poliarquia de Dahl (1972). A poliarquia é um modelo de democracia que se apoia em dois pilares de direitos e princípios fundamentais: o da contestação política e o da participação política. De modo geral propõe que as instituições políticas, nomeadamente o governo, sejam eleitas através de eleições livres, justas e recorrentes para determinar os representantes políticos; o sufrágio deve ser (quase) universal; apoiando-se igualmente no direito à liberdade de expressão, bem como no acesso a fontes de informação alternativas e, no direito de associação (Dahl, 1972, p. 233).

Para além destas definições, pode-se ainda olhar para a democracia como um sistema interativo entre a arena política, o aparato do Estado, o Estado de Direito e a sociedade civil (Linz e Stepan 1996). Aqui, sublinha-se a interação entre a esfera política e a sociedade civil. Esta última precisa de garantias legais e de direitos para se organizar, ao passo que a esfera política precisa da legitimidade emanada da sociedade civil (pp. 13-14).

Independentemente destas diversas aceções, a democracia pressupõe hoje o respeito pelos princípios e direitos liberais, sendo um dos pilares a tolerância: aceitar e favorecer atitudes inclusivas para com minorias que são marginalizadas e/ou discriminadas pela maioria (Janmaat e Keating, 2017, p. 46).

No que respeita à percepção dos cidadãos sobre o que é a democracia, a forma como esta é entendida varia entre contextos distintos (Davis et al., 2021, p. 857). Democracias jovens, não ocidentais e menos estabelecidas têm maior dificuldade em providenciar contextos para que exista um consenso popular em torno do que significa a democracia, resultando numa heterogeneidade de visões junto dos cidadãos (Sarsfield e Schedler, 2007, p. 639; Choi e Woo, 2024, p. 3). Mesmo em contexto de democracias consolidadas, o entendimento sobre o que é a democracia pode variar, inclusive no sentido de os indivíduos lhe associarem características iliberais (Hibbing e Theiss-Morse, 2004; Kirsch e Welzel, 2019; Davis et al., 2020; Ackermann et al., 2022; Bowler et al., 2017). Dada a importância desta vertente para a presente dissertação, é a esta que se dedicará maior atenção.

De entre estas noções iliberais, incluem-se entendimentos populistas da democracia; isto é, a percepção dos cidadãos sobre a democracia como a ideia de um povo homogéneo que se opõe à elite política. De acordo com este entendimento, os cidadãos preferem um líder forte que explora a insatisfação subjacente dos cidadãos em relação ao funcionamento com a democracia (Bowler et al., 2017; Ackermann et al., 2022; Choi e Woo, 2024). Outra noção iliberal relevante na literatura é a de democracia furtiva (stealth democracy) (Hibbing e Theiss-Morse, 2004; ver também: Ackermann et al., 2022, p. 2023; Choi e Woo, 2024, p. 3). Esta respeita a cidadãos que desvalorizam o seu próprio envolvimento na esfera política. Esta é uma perceção de democracia em que os indivíduos advogam o governo por uma elite política altamente eficaz, e, por isso, profundamente conhecedora da realidade e dos problemas da população, pelo que os cidadãos apenas contribuem para o sistema político através do sufrágio, dispensando outros meios de oferecer inputs (Hibbing e Theiss-Morse, 2004, p. 131). Por último, outra noção iliberal da democracia detetada junto de algumas bolsas de cidadãos na sociedade é a democracia como "guardiã" (Kirsch e Welzel, 2019; Choi e Woo, 2024). Esta consiste numa conceção em que a democracia é associada à obediência a governantes considerados sábios que controlam o executivo. Nesta conceção, os indivíduos visam expandir e priorizar o poder do executivo em detrimento dos poderes legislativo e judiciário (Choi e Woo, 2024, p. 3).

Em suma, a democracia tem sido alvo de diferentes conceptualizações, assim como também sob a ótica dos cidadãos se observa grande heterogeneidade quanto às visões sobre o regime democrático, mesmo se olhado apenas sob a vertente iliberal. Em paralelo à

possibilidade de os indivíduos advogarem conceções de democracia não estritamente liberais, há uma ameaça mais ou menos latente sobre a prevalência dos princípios liberais do regime face ao crescimento da polarização e da retórica extremista do populismo de direita radical, que potencia o iliberalismo junto dos eleitorados (Svolik et al., 2019; Dickson et al., 2025; Hobolt et al., 2025). É a presença desta ameaça que motiva a realização da presente pesquisa.

1.2. O apoio ao regime democrático

Este subcapítulo debruça-se sobre as formas de apoio político ao regime democrático. Para tal, numa primeira instância esclarecemos a importância da legitimidade popular para este regime e os diferentes tipos de apoio prevalecentes na literatura (específico e difuso). Por fim, sistematiza-se a evolução global dos indicadores de apoio à democracia nos regimes democráticos.

1.2.1. Democracia: Legitimidade, apoio específico e difuso

A legitimidade que os cidadãos conferem ao regime democrático é essencial para assegurar a manutenção deste. Esta é definida pela capacidade de o sistema político manter a crença, entre os indivíduos, que as instituições e os atores políticos são os mais apropriados para a sociedade, pois são congruentes com os valores e princípios dos cidadãos (Lipset, 1969, p. 52; Easton, 1975, pp. 450.451). A legitimidade popular é crucial pois uma maior crença na democracia é crucial para a sua estabilidade e consolidação (Dahl, 1972, pp. 261-262). Numa democracia em que o regime é considerado como "the only game in town" (Linz e Stepan, 1996, p. 5) até em momentos de crises sociais e políticas, os indivíduos tenderão a acreditar que a resolução destas emergirá sempre dentro das normas e princípios democráticos; por outras palavras, reconhece-se que o conflito é natural no sistema democrático e este é resolvido, por exemplo, através de eleições plurais, livres e justas (Linz e Stepan, 1996, p. 5; Przeworski, 1991, p. 26; Levitsky e Ziblatt, 2023, p. 14).

No que respeita às formas de apoio ao regime democrático, o contributo de Easton (1975) é incontornável. Este propõe a distinção entre apoio específico e apoio difuso ao sistema político. Por um lado, a performance do regime é um aspeto instrumental, e é a satisfação dos indivíduos com esta que constitui o denominado apoio específico (Easton, 1975, p. 437). Por outro lado, a legitimidade do regime está relacionada de forma mais íntima com o segundo tipo de apoio – o difuso. Sendo a legitimidade a capacidade de o sistema gerar a crença que as suas instituições são as mais apropriadas para a sociedade, o apoio difuso reflete, não a satisfação

com o que o sistema produz, mas antes com o que ele representa (Lipset, 1969, p. 52; Easton, 1975, p. 444). Este tipo de apoio é mais duradouro que o apoio específico e é moldado pela socialização do indivíduo, bem como pela sua experiência direta com os outputs do regime (Easton, 1975, pp. 445-446; Norris, 2011, p. 20). Contudo, as avaliações do regime, a longo prazo, podem-se traduzir-se em alterações no grau de confiança e, consequentemente, na legitimidade dos objetos políticos do regime, podendo colocá-lo em causa (Easton, 1975, pp. 446-447).

Desta forma, o apoio ao sistema político pode ser entendido como sendo multidimensional, implicando estes dois tipos de apoio. O apoio ao regime opera, então, num contínuo que se inicia nas avaliações dos atores políticos, instituições, performance e princípios do regime até à identificação com a comunidade política (Dalton, 1999, p. 58). A este respeito, Magalhães (2014) demonstrou como, entre vários preditores macro, a eficácia do governo emerge como o mais determinante para o nível de apoio difuso: quanto melhor é a qualidade da tomada de decisão política e subsequente implementação, maior o nível de apoio à democracia (p. 92), confirmando a interdependência dos dois níveis de apoio a longo-prazo.

Em síntese, o apoio dos cidadãos ao regime democrático subdivide-se entre apoio específico e difuso, sendo o primeiro mais imediato e suscetível a mais volatilidade, e o segundo, de carácter mais duradouro, e ligado às normas e princípios do regime como um todo. O apoio difuso tem, em particular, um papel importante para a legitimidade do sistema político. É sobre este que a presente dissertação incide, procurando entender a conciliação que alguns cidadãos fazem entre o apoio difuso em relação à democracia, e o apoio a formas de governo não democráticas.

1.2.2. Evolução do apoio à democracia: Estado da arte

Esta secção sistematiza a literatura sobre a forma como o apoio dos cidadãos à democracia, e os seus indicadores têm evoluído no mundo ocidental nas últimas décadas.

Nas décadas 60 e 70 do século passado, a democracia parecia enfrentar uma crise. Os protestos pelos direitos civis, a guerra no Vietname, o escândalo do Watergate nos Estados Unidos da América, e o movimento estudantil de 1968 na Europa, levaram a um enfraquecimento na confiança nos líderes e nas instituições políticas democráticas. No restante globo, assistiu-se à ascensão de regimes autoritários (Norris, 1999, pp. 3-4; Dalton, 1999, p. 61).

Em especial, a partir dos anos 90, regista-se uma série de transformações a respeito da relação dos indivíduos com o sistema político, observando-se progressivamente um menor apoio específico aos sistemas políticos ocidentais. Assiste-se ao enfraquecimento do vínculo

dos cidadãos aos partidos políticos, bem como a uma erosão na confiança nas instituições, concomitantes com uma crise da representação política (Norris, 1999, pp. 4-5; Dalton, 1999, p. 65). O eleitorado tornou-se progressivamente desinteressado da política, mais polarizado e desconfiado. Não obstante estes sinais de crise na relação dos cidadãos com a democracia, o apoio aos princípios democráticos manteve-se alto e generalizado nas democracias consolidadas e industrializadas (mais de três quartos dos indivíduos, desde 1989 até 1997) (Dalton, 1999, pp. 69-70). Porém, os estudos da época mediram o apoio difuso à democracia baseado no grau em que o indivíduo concorda que a democracia é o melhor sistema de governo, negligenciando o quanto este poderia apoiar soluções governativas autocráticas, em simultâneo. Desta forma, concluíram que o compromisso público com os princípios e processos democráticos permanecia forte: os cidadãos estavam frustrados com o funcionamento do sistema, porém, ainda assim, não eram antidemocráticos, pois apenas exigiam mais democracia (Norris, 1999, pp. 1-2; Dalton, 1999, p. 75).

Os anos 2000 deram continuidade ao declínio no apoio específico à democracia. Este manifestou-se no acentuar da desconfiança nas instituições democráticas, nos partidos e políticos, no aumento da abstenção eleitoral e do apoio a movimentos não democráticos (Thomas, 2016, p. 209). Paralelamente, e num processo com origem na década de 80, observa-se o crescimento de atitudes antissociais (da violência e da tolerância pelo desrespeito por normas sociais), alertando-se para o facto de o aumento do sentimento antidemocrático não estar tão relacionado com a disfuncionalidade do sistema político, mas sim com mudanças no campo social e cultural (Howe, 2017, p. 25).

No seguimento das crises financeira e económicas de 2008, o apoio difuso ao regime democrático aparenta variar nas democracias, apesar de permanecer relativamente alto (Armingeon e Guthmann, 2013, p. 431; Thomas, 2016, p. 218). Mantém-se mais elevado nos países nórdicos da Europa, e mais baixo em países da Europa do Leste e da Ásia, bem como em novas democracias (Thomas, 2016, p. 218). Nos países da União Europeia, no entanto, o nível de apoio à democracia de um indivíduo era reduzido em 10 pontos percentuais se o seu país estivesse sob as condições impostas pelo Fundo Monetário Internacional e/ou Troika (Armingeon e Guthmann, 2013, p. 439). No que toca à crise impulsionada pela pandemia da COVID-19, o sacrifício temporário das liberdades cívicas básicas não reduziu o apoio à democracia no caso dos cidadãos que percecionam essas medidas como eficazes e adequadas na luta contra a pandemia (Bojar et al., p. 254).

Durante todo este período, a legitimidade do regime democrático nas sociedades ocidentais não parece, de modo geral, ter estado em causa. Contudo, alguns autores apontam que, a

crescente erosão do respeito pelas normas democráticas por políticos, a maior abertura dos cidadãos a alternativas autoritárias de governo como legítimas e a maior instabilidade dos sistemas partidárias (com a presença e crescimento eleitoral de partidos antissistema), resultam numa ameaça de desconsolidação democrática (Foa e Mounk, 2016, p. 15). Tal ameaça põe em causa a estabilidade e a legitimidade da democracia, embora não haja consenso sobre este ser um processo em curso (Norris, 2017). Há, no entanto, um receio de que o progresso do liberalismo social (com a expansão de direitos como o do aborto, do divórcio, dos direitos das mulheres, ou da parentalidade) das últimas décadas não tenha levado necessariamente a uma maior democratização dos regimes (Foa et al., 2022). Esta dissertação é motivada por este receio, visando em concreto focar o quanto os cidadãos conciliam entendimentos opostos sobre o regime – democráticos e não democráticos – como sugerido por alguma pesquisa prévia (Sarsfield e Schedler, 2007; Kirsch e Welzel, 2019; Choi e Woo, 2024), bem como aferir como este perfil de democrata iliberal tem evoluído e, em particular, o que o explica.

1.3. Democratas: liberais e iliberais

Exposto o que diz respeito ao apoio à democracia, bem como a evolução dos seus indicadores nas democracias, é pertinente abordar em concreto os tipos de apoiantes também, uma vez que a nossa análise incide sobre um tipo específico de democratas, como adiante se explicitará: os iliberais. Importa distingui-los dos restantes. Com esse propósito, o presente sub-capítulo trata, numa primeira instância, dos apoiantes liberais que, apesar de insatisfeitos e/ou críticos como regime político, continuam a apoiar os princípios democráticos. De seguida, exploramos indivíduos cujo apoio é iliberal: isto é, apoiam formas de governo que violam princípios fundamentais à democracia, e, no entanto, declaram apoio à mesma. Revê-se ainda a literatura relevante sobre ambos os perfis de cidadão, visando em especial a identificação das características destes subjacentes a atitudes de intolerância para com determinados segmentos da população, assim como a sua abertura a formas de governo iliberais.

1.3.1. Dos democratas insatisfeitos ou críticos, aos democratas iliberais

Na década de 90, no quadro da discussão da crise da democracia pareceu estabelecer-se o crescimento de um tipo de democratas: os insatisfeitos; isto é, cidadãos que aprovavam a democracia como a melhor forma de governo, mas estavam descontentes com a maneira como o sistema político funcionava. Este tipo de cidadãos não foram considerados uma ameaça para a democracia, mas antes uma força para a mesma, dado serem entendidos como um potencial

para a sua reforma e para melhorar os processos e estruturas democráticas (Klingemann, 1999, p. 32). De forma semelhante, Norris (2011), identifica um perfil de cidadãos democratas críticos caracterizados pelo ceticismo em relação ao funcionamento da democracia no seu país, e simultaneamente partidários da democracia como a melhor forma de governo.

Em qualquer caso, o reconhecimento de que os democratas constituem um todo heterogéneo não põe em causa a legitimidade da democracia enquanto regime, sendo estes perfis de democratas não plenos sobretudo entendidos como um desafio à melhoria do regime. Recentemente, porém, tem emergido um novo perfil de democrata que rompe com a garantia da legitimidade democrática: este novo perfil perfilha de ideias iliberais e concilia-as com o apoio à democracia. É neste que nos iremos focar. Literatura recente tem sugerido que um número crescente de cidadãos parecem não só ter-se tornado mais críticos em relação ao sistema democrático em que estão inseridos, como parecem também mais recetivos a alternativas autoritárias de governo. É sobre este perfil de cidadão democrata iliberal que trata a presente secção, e, de modo geral, a presente dissertação.

Apesar de apenas limitada pesquisa se ter dedicado ao estudo deste perfil de cidadãos que apoiam a democracia de permeio com a abertura a formas não democráticas de governo, existem alguns estudos que já se debruçaram sobre este assunto. Por exemplo, Kirsch e Welzel (2019) identificam indivíduos que expressam em simultâneo noções liberais e autoritárias de democracia, procurando saber qual destas se baseia em algo substantivo; ou seja, se os indivíduos conseguem nomear características relativas a cada uma das noções. Apuraram que o apoio a noções liberais da democracia é desprovido de qualquer compromisso genuíno com princípios e valores emancipatórios e liberais (p. 23). Tal padrão foi observado tanto em regimes democráticos como autocráticos, desafiando a literatura que estabelece o apoio à democracia como universal (Norris, 2011, p. 92), ou que pelo menos que este não está em declínio ao ponto de se apresentar como uma abertura significativa a alternativas antidemocráticas (Voeten, 2016). Nesta mesma linha, tem-se observado que as gerações mais jovens tendem a exibir atitudes e preferências por formas de governo iliberais em maior grau do que as gerações do período entre e pós-guerras do passado século (Foa e Mounk, 2016; Kirsch e Welzel, 2019; Claassen, 2020; Choi e Woo, 2024). A crescente polarização da direita radical tem um maior impacto nos mais jovens: aqueles que apoiam estas forças políticas são 65 pontos percentuais mais propensos a aceitar formas de governo não democráticas (Belchior e Teixeira, 2023, p. 997). Semelhantemente, há uma correlação (e crescente no tempo) entre o menor apoio pelas normas da democracia liberal e o voto em partidos da direita radical (Dickson et al., 2025; Hobolt et al., 2025) O apoio a alternativas autoritárias tem, ainda, crescido entre os mais ricos

(Foa e Mounk, 2016, p. 13). Contudo, o fator socioeconómico não é consensual, havendo estudos que apontam para a tendência oposta: são os menos instruídos e com menor poder económico que estão dispostos a apoiar governos autoritários (Geddes e Zaller, 1989, p. 341; Gessler e Wunsch, 2023, p. 926).

Por ora, vimos que há pesquisa que demonstra que uma faixa não negligenciável e aparentemente crescente de cidadãos estão abertos a formas de governo iliberais. Atentamos aos que, não obstante apoiarem soluções governativas autocráticas, declaram apoiar em simultâneo a democracia. A literatura que reconhece e explora o fenómeno deste perfil de democratas é limitada. De entre esta, destacam-se os trabalhos de Sarsfield e Schedler (2007) e de Choi e Woo (2024). O primeiro destes trabalhos procurou agrupar os indivíduos em diferentes perfis atitudinais, dando pistas do que poderá explicar esta conciliação de apoio. Um destes grupos corresponde aos democratas liberais, cujo apoio à democracia é acompanhado pelo respeito aos princípios liberais desta. Estes representam pouco mais que um oitavo da amostra em estudo (p. 649). Outro grupo corresponde aos "democratas iliberais" que conjugam o apoio à democracia com atitudes antidemocráticas. Mais especificamente, os autores identificam ainda os "intolerantes ao pluralismo ideológico" e os "paternalistas", ambíguos quanto à liberdade de expressão e à organização política, respetivamente, estando estas reservadas apenas a alguns indivíduos (p. 652). Acrescentam-se a estes os "homofóbicos" e os "exclusionários", sendo que os primeiros demonstram um grau elevado de intolerância à homossexualidade, e os segundos estendem a sua intolerância a grupos indígenas; ambos negam os direitos básicos a estes grupos (pp. 652-653). Estes dois últimos tipos de democratas representam mais de um quarto da amostra. Não obstante este importante contributo, o estudo de Sarsfield e Schedler é um estudo sobre o caso mexicano, e realizado há mais de duas décadas. Superando estas limitações, a pesquisa de Choi e Woo (2024) engloba 63 democracias, entre 1995 e 2022. Os autores pretenderam averiguar o que determina o apoio simultâneo à democracia e a um líder forte que não responde perante o parlamento (p. 80), um perfil de cidadão próximo dos democratas iliberais em que se centra a presente dissertação. Os autores, numa primeira instância, focam-se num aspeto instrumental da democracia – o nível de confiança dos indivíduos nas diversas instituições políticas como preditor do perfil de democrata iliberal e de autoritários plenos. Concluem que o nível de confiança, em diferentes instituições, é um fator explicativo de cada grupo. Numa segunda instância, testam fatores como a ansiedade sociocultural, apurando que esta é um fator explicativo para a abertura a esta conciliação de apoio ao regime e, em geral, a formas autocráticas de governo, ao invés de fatores económicos (p. 77). Não obstante a literatura que tem vindo a estabelecer uma ligação direta

entre o sentimento anti-imigração e o voto/abertura a soluções políticas antidemocráticas, bem como esta sendo uma linha explicativa dos democratas iliberais, os autores apenas equacionam o volume de imigrantes no país, sem consideraram possíveis atitudes de intolerância, especificamente a este grupo, como um preditor que merecia mais atenção.

Sintetizando, as sociedades ocidentais têm vivido nos últimos anos num quadro de decréscimo do apoio difuso ao regime democrático, que se tem mostrado vulnerável a oscilações em grande medida fruto de contextos de crise (Kotzian, 2010; Armingeon e Guthmann, 2013; Thomas, 2016; Cicatiello et al., 2022; Belchior e Teixeira, 2023). Estas oscilações sugerem que a democracia não é inabalável, pelo contrário. A quebra na legitimidade do sistema político democrático parece acontecer a par do crescente apoio por formas de governo iliberais. Apesar de alguma pesquisa observar a existência de cidadãos dispostos a apoiar formas de governo antidemocráticas (Foa e Mounk, 2016; Kirsch e Welzel, 2019) ou a tolerar atitudes antidemocráticas de líderes políticos (Svolik, 2019; Graham e Svolik, 2020; Fossati et al., 2022; Bryan, 2023), o quanto estes conciliam esta disposição com o apoio à democracia permanece um fenómeno sub-estudado. Por isso, o objetivo central da presente pesquisa é analisar a evolução deste perfil de cidadãos no tempo (1994-2022) em democracias de diferentes áreas geográficas, equacionando o papel que as atitudes de intolerância (em relação a imigrantes e homossexuais), bem como a polarização à direita, desempenham na explicação deste perfil de cidadãos.

1.4. Determinantes do perfil do cidadão democrata iliberal

Doravante dedicamo-nos a sistematizar a literatura que se debruçou sobre os principais fatores que podem explicar o perfil dos democratas iliberais. Duas linhas explicativas emergem da literatura: uma relacionada com a polarização ideológico-partidária, e outra com as atitudes de intolerância dos cidadãos. Abordamos a primeira linha explicativa, mais amplamente estudada, que considera a polarização ideológica partidária, como o principal fator para o abandono dos princípios democráticos pelos cidadãos. A segunda linha salienta o efeito da intolerância sociocultural, atentando em particular à intolerância para com imigrantes e homossexuais. Ainda, procuramos articular ambas as linhas, explorando o impacto do papel iliberalizador dos partidos populistas da direita radical em indivíduos intolerantes, para explicar o perfil dos democratas iliberais.

1.4.1. Polarização ideológico-partidária

Atentamos primeiro à linha explicativa da polarização ideológica-partidária para explicar o abandono da democracia pelos indivíduos e que contributo podemos retirar para compreender melhor os democratas iliberais. A polarização diz respeito a um conflito político sobre os fundamentos, definição e decisão coletiva, marcado por clivagens profundas e um nível baixo de consenso. É, portanto, um cenário de distância ideológica onde as oposições existentes são mutuamente exclusivas, levando ao questionamento da legitimidade do regime por parte de partidos antissistema (Sartori, 2005, pp. 118-120; Schedler, 2023, pp. 339-341). Os seus protagonistas são frequentemente os líderes e os seus partidos, podendo haver casos mais personalizados, como o caso de Donald Trump (EUA) ou Jair Bolsonaro (Brasil). Estes líderes e partidos tendem a exagerar as diferenças entre os grupos de forma a ativar marcadores de identidades vistas como mutuamente exclusivas. Para tal são empregues mecanismos de desumanização e estereotipação, que fomentam sentimentos de ódio, de desconfiança e de medo (Stavrakakis, 2018, p. 47; McCoy et al., 2018, pp. 21-23; Levitsky e Ziblatt, 2018, p. 97).

Não surpreende, então, que alguns estudos observem que, perante a necessidade de escolha entre princípios democráticos e interesses partidários, os eleitores pareçam escolher o último, abdicando da democracia em prol dos interesses partidários (Svolik, 2019; Graham e Svolik, 2020; Fossati et al., 2022; Bryan, 2023). Aliás, a polarização afetiva, isto é, a tendência para os indivíduos e partidos verem os seus opositores sob uma luz negativa e co-partidários sob uma positiva, tem vindo a crescer. Este tipo de polarização é importante para haver uma divisão emocional no plano partidário (Iyengar e Westwood, 2015, p. 691; Orhan, 2022, pp. 715-717).

1.4.1.1. Autoposicionamento à direita e simpatia por partidos populistas da direita radical

A pesquisa prévia tem demonstrado que existe um padrão de apoio condicional ao regime democrático junto dos indivíduos que se posicionam mais à direita politicamente. Este apoio está associado a uma maior abertura a autoritarismos (Malka et al., 2022; Torcal e Magalhães, 2022). Dispondo de atitudes antidemocráticas, e manifestando, em especial, intolerância para com minorias sociais, estes cidadãos revelam um menor grau de apoio à democracia, sem expressarem o abandono total a esta (Malka et al., 2022, p. 815; Torcal e Magalhães, 2022, p. 195). Isto sucede porque os indivíduos colocados mais à direita são mais propensos a abdicar de mecanismos democráticos (como os checks and balances) se a posição ideológica de um candidato for congruente com a do indivíduo (Bergeron-Boutin et al., 2022, p. 916; Torcal e

Magalhães, 2022, p. 195). Tal padrão de apoio à democracia vai de encontro ao perfil de democrata em análise na presente dissertação.

Estes estudos sugerem que o posicionamento à direita está relacionado com um menor compromisso com a democracia, estando associado a uma postura socialmente mais conservadora e aberta a atitudes iliberais. No entanto, estes indivíduos não parecem rejeitar o regime democrático como um todo, à semelhança do que a literatura tem sugerido em relação aos democratas iliberais. Por isso, é esperado que, por oposição ao autoposicionamento dos indivíduos mais à esquerda:

(H1): Quanto mais à direita os indivíduos se autoposicionam, maior a probabilidade de serem democratas iliberais.

No que toca ao populismo, todas as suas formas incluem um apelo ao "povo" que surge em oposição a uma "elite", correspondendo a dois campos antagónicos (Wodak, 2015, pp. 21-23; Mudde, 2017, p. 2; Mudde e Kaltwasser, 2017, pp. 5-6). O líder populista personifica o povo, criando uma imagem de um homem de ações e não de palavras: não hesita em tomar decisões rápidas e difíceis para que nada restrinja a vontade do povo, apresentando-se como o verdadeiro defensor da democracia e da soberania popular (Wodak, 2015, p. 4; Mudde e Kaltwasser, 2017, p. 64). Simultaneamente, há uma construção simbólica de um antagonista (Mason, 2018, p. 4). Neste sentido, as identidades políticas são entendidas como identidades sociais, pelo que os indivíduos tornam-se suscetíveis de desenvolver atitudes negativas motivadas por emoções e perceções também negativas. De tal é exemplo a antipatia motivada por preconceito (McCoy et al, 2018, p. 22; Schedler, 2023, p. 348). Esta dinâmica de "nós" versus "eles" estende-se a espaços de coexistência social (famílias, escolas, igrejas, comunidades), que reflectem o carácter de exclusão e confronto presente no conflito político (Lozada, 2014, p. 4; McCoy et al., 2018, p. 21).

Em particular, face à implementação de políticas socialmente progressistas, os partidos populistas de direita radical tendem a utilizar uma narrativa de ameaça iminente ao povo (Vierus e Ziller, 2023). Esta poderá minar o apoio difuso da democracia, uma vez que os cidadãos, mais conservadores, podem sentir-se abandonados pelo governo democrático (Vierus e Ziller, 2023, p. 28). A par desta tendência, os cidadãos com maior disposição a tolerar violações de princípios e normas democráticas de candidatos políticos, pertencem à direita iliberal em várias democracias (Svolik et al., 2023, p. 8; Lewandowsky e Jankowski, 2023, p. 40). Aliás, a literatura tem mostrado que o eleitorado tende a exibir uma reação oposta quando o contexto é de aprofundamento dos princípios aos princípios democráticos: quanto maior a implementação

destes princípios, em particular no que concerne à expansão de direitos a minorias sociais, mais os indivíduos parecem prescindir da democracia (Claassen, 2020, pp. 36-37).

Ao usar uma narrativa populista, estes partidos de direita radical tendem a polarizar o eleitorado, que se torna progressivamente mais iliberal (Svolik et al., 2023, p. 13). Neste processo de iliberalização, é expectável que a forma como os eleitores vêem o regime democrático seja afetada. Nesse sentido, espera-se que o apoio a estes partidos por comparação aos demais, explique o perfil do democrata iliberal. Por outras palavras, espera que:

(H2) A simpatia por partidos populistas de direita radical explique uma maior probabilidade de os indivíduos serem democratas iliberais.

1.4.2. O crescimento da intolerância

A literatura sugere ainda outra linha explicativa para do fenómeno dos democratas iliberais: as atitudes de intolerância. A democracia dever-se-ia relacionar com maior tolerância, dado este ser um dos seus pilares normativos. Contudo, os sistemas democráticos assistem a uma crescente intolerância, desde a década de 90, em particular para com imigrantes, relacionada a predisposições autoritárias (Janmaat e Keating, 2017; Feldman, 2020). Esta opera ao longo de uma clivagem cultural, ao invés de uma tradicional, como a clivagem económica, especialmente tendo em conta o processo de globalização (Kriesi et al., 2006; Mudde, 2017; Inglehart e Norris, 2019).

A tese da Revolução Silenciosa previu que a emergência de valores pós-materialistas se traduziria numa mudança cultural que traria maior ênfase à proteção e respeito aos direitos humanos, à homossexualidade, aos imigrantes e às minorias étnicas e raciais. Neste processo, as gerações mais jovens surgiriam como os defensores de valores liberais (Inglehart, 1977; Inglehart e Norris; 2017; Inglehart e Norris, 2019). Porém, vários trabalhos mostram que as gerações mais jovens não só são o grupo mais provável de votar em partidos autoritários e populistas – quando comparado com as gerações do período entre e pós-guerra – como também é junto deles que o apoio à democracia é mais baixo (Foa e Mounk, 2016, p. 8; Schäfer, 2022, p. 1991; Voeten, 2016, p. 8; Baro e Jenssen, 2024, p. 16). Apesar de esta ser uma linha de pesquisa de grande relevância e atualidade, esta dissertação não se debruça em específico sobre este segmento dos jovens, devido à necessidade de focalização e parcimónia da pesquisa. Apoia-se, contudo, na presunção teórica da tendência moderna para o aprofundamento dos princípios democráticos contido nesta tese, e no questionamento que tendências mais atuais lançam sobre a mesma.

Por um lado, o processo de globalização das últimas décadas tem tido um impacto sobretudo negativo no que respeita à multiculturalidade: os denominados losers da globalização (frequentemente trabalhadores pouco qualificados) reagem negativamente sobretudo sob o ponto de vista da dimensão cultural; isto é, estes indivíduos, percecionam mudanças culturais globais – motivadas pela imigração e multiculturalismo – como uma ameaça ao seu estatuto e identidade. Esta ansiedade cultural torna-se o principal motivador para votar em partidos que prometem proteger as tradições culturais, bem como uma identidade nacional homogénea, propondo-se restringir a imigração, até mesmo quando as condições económicas são modestas (Kriesi et al., 2006; Inglehart e Norris, 2019). Por outro lado, outros salientam a existência de efeitos positivos da globalização. Este efeito positivo observa-se, por exemplo, quanto à satisfação com a democracia, ainda que pareça constranger os níveis de apoio à mesma entre aqueles que são marginalizados na sociedade, como os pobres e os menos instruídos (Thomas, 2016, p. 230).

As mudanças culturais e sociais patentes no processo de globalização são concomitantes ao atual contexto da crescente adesão, a alternativas autoritárias de governo, aliadas a atitudes de intolerância. Esta dissertação procura entender de que forma a intolerância social, face a dois grupos, poderá relacionar-se com o perfil dos democratas iliberais. Nas secções seguintes focamo-nos na intolerância em relação a imigrantes e a homossexuais, e enquadramos as restantes hipóteses da pesquisa.

1.4.2.1. A intolerância em relação aos imigrantes

Procuramos nesta secção realçar pistas na literatura que nos permitem expectar que a intolerância relativa a imigrantes é importante para a quebra de compromisso dos indivíduos para com a democracia, e como poderá estar subjacente ao perfil de democrata iliberal. Também focamo-nos no papel mediador que os partidos populistas de direita radical assumem no perfil destes democratas, quando conjugado com atitudes intolerantes em relação aos imigrantes.

Um amplo conjunto de trabalhos tem vindo a concluir que o sentido de voto dos indivíduos é afetado pelas atitudes que exibem em relação à imigração: os que denotam atitudes intolerantes em relação à imigração tendem a votar em alternativas não democráticas (Donovan, 2019; Schäfer, 2022; Hutter e Kriesi, 2022; Gessler e Wunsch, 2023; Baro e Jenssen, 2024). Ademais, apesar da diferença, entre países ocidentais, na magnitude dos efeitos de atitudes anti-imigração, conservadorismo cultural e apoio a partidos autoritários e populistas, para a maior abertura a formas de governo iliberais, o primeiro permanece como tendo maior efeito em todos os casos (Baro e Jenssen, 2024, pp. 15-16). Semelhantemente, a politização da imigração, em

especial no seguimento da crise da migração de 2015, ocorreu até em países que não foram tão afetados por esta ou que não receberam imigrantes em larga escala (Hutter e Kriesi, 2022). Assim, não parece ser o aumento da imigração per si que explica o apoio aos partidos anteriormente mencionados, e sim a saliência do tema e a perceção que os indivíduos têm deste; por outras palavras, quanto maior a visibilidade do tema no debate político e a importância que os indivíduos lhe atribuem, maior a probabilidade de apoiarem estes partidos (Hutter e Kriesi, 2022, p. 348; Kapelner, 2024, p. 10).

A intolerância em relação à imigração parece levar ainda a um apoio condicional dos cidadãos à democracia. A pesquisa tem mostrado que os indivíduos intolerantes não rejeitam a democracia; antes reduzem o nível de apoio à mesma em função de um sentimento de ameaça promovido pela presença de imigrantes no seu país. Estes tendem ainda a considerar que tal ameaça só pode ser mitigada através de um líder forte ou governo militar (Kokkonen e Linde, 2022, p. 981). A sensação de (in)segurança face a imigrantes desempenha um papel importante na preferência por alternativas antidemocráticas, uma vez que estes cidadãos consideram que a democracia não é suficiente para os proteger face à ameaça da imigração (Hibbing, 2022, pp. 61-62; Kokkonen e Linde, 2022, p. 981). É este apoio por formas de governo iliberais que os democratas iliberais conjugam com o apoio à democracia. Uma vez que o sentimento anti-imigração aparenta ser o fator explicativo mais forte para a erosão do apoio à democracia (Kokkonen e Linde, 2022, p. 984; Ferrer e Palmisano, 2025, p. 80), é esperado que os democratas iliberais exibam atitudes de intolerância para com este grupo.

Como já referido, Choi e Woo (2024), que elaboram um dos poucos trabalhos sobre o perfil de democrata em análise, focam-se sobretudo no apoio específico, e não tanto no difuso, e relegam a intolerância a imigrantes a um papel insignificante. Ora, face à saliência que a imigração tem na literatura já exposta, e a crescente intolerância que se regista na última década para com minorias étnico-raciais (Janmaat e Keating, 2017; Feldman, 2020; Schmidt; 2021; Ferrer e Palmisano, 2025), espera-se que esta intolerância face aos imigrantes constitua um fator relevante na explicação do perfil de cidadão que, embora apoiando a democracia, o faz a par do suporte de formas de governo autoritárias. Isto é, é esperado que:

(H3) Quanto maior a intolerância dos indivíduos em relação à imigração, maior a probabilidade de serem democratas iliberais. primeiro parágrafo está alinhado com o título da secção.

1.4.2.2. O efeito do populismo de direita radical e a intolerância para com imigrantes

A ascensão de partidos populistas de direita radical ocorre num quadro marcado por transformações profundas, em especial devido ao processo de globalização. A internacionalização da cultura coexiste com a crescente adesão a novos movimentos anti-imigrantes nas democracias ocidentais (Thomas, 2019, pp. 230-231). Há uma tradução de conflitos socioeconómicos para conflitos socioculturais. Esta reconfiguração é explorada pela direita populista, que fomenta a narrativa de ameaças socioculturais para mobilizar apoio popular (Mudde 2017, pp. 59-60; Kriesi et al., 2006, p. 950), nomeando recorrentemente os imigrantes como bode expiatório (Wodak, 2015; Mudde, 2017; Bowler, 2017).

Tal parece ter origem também no centro-direita que tem promovido a saliência da imigração no debate político, com uma retórica tendencialmente intolerante, em particular a partir dos anos 2000 (Bale, 2008; Abdou et al., 2021). A retórica populista de proteção do povo de um outro que lhe é exterior, está presente em muitos partidos do centro-direita, desde a década de 60 (Bale, 2008, p. 320). Em particular, as ideias da direita radical são o resultado da conciliação entre uma tendência económica neoliberal e uma tendência social conservadora, resultando numa tensão entre o enfraquecimento do papel do estado na economia e do estado social, mas também de uma liderança política forte que mantivesse o status quo social: normalizou-se, com a última, um discurso nacionalista e anti-imigração explorado por partidos populistas (Kochi, 2023, pp. 18-19).

Os partidos tradicionais têm, ainda, perdido parte do apoio da classe trabalhadora para a direita radical (Funke et al., 2016; Abou-Chadi et al., 2021). No entanto, esta mudança de orientação de voto não parece ser o resultado de mudanças nas condições económicas (taxa de desemprego) e do volume da população imigrantes num país per si, mas sim da saliência dada aos temas por partidos da direita (Downes e Loveless, 2018; Abou-Chadi et al., 2021, pp. 377-380; Ciccolini, 2025). A legitimação e saliência deste discurso são agora exacerbadas por partidos populistas de direita radical, que comportam um ideário autoritaritário que apela aos indivíduos com atitudes anti-imigração: o apelo à ordem, ou a importância da tradição e da lei. Tal leva a que líderes com inclinações autoritárias mobilizem eleitores apelando a valores e atitudes como a aversão ao multiculturalismo e à imigração. São também estes eleitores com atitudes intolerantes que são mais prováveis de se autoposicionarem à direita do espectro político (Donovan, 2019, p. 9; Hutter e Kriesi, 2022, p. 351; Gessler e Wunsch, 2023, p. 917). A direita radical é, por isso, uma ala ideológica que, por comparação à esquerda, tende a apelar mais à intolerância e a mobilizar os intolerantes: Os estudos identificam que perceções negativas dos indivíduos sobre as consequências da imigração (a nível cultural e económico),

estão correlacionadas com o apoio aos partidos populistas da direita radical (Messing e Ságvári, 2021, pp. 117-118; Malloy et al., 2022, p. 1834)

Estes partidos prometem restaurar a soberania popular que dizem estar a ser atacada em duas frentes: pela elite política tradicional e pela presença de imigrantes, nomeadamente muçulmanos, cujos valores são incompatíveis com as sociedades ocidentais (Mudde e Kaltwasser, 2017, p. 81; Bowler et al., 2017, pp. 71-72). Ademais, os imigrantes são enquadrados por estes partidos como os culpados pelas crises que o regime democrático enfrenta (Vierus e Ziller (2023, pp. 9-10; Altiparmakis, 2024). Esta culpabilização tem se vindo a intensificar no tempo. Após a recessão mundial de 2008, e da crise da migração de 2015, registou-se um aumento da intolerância para com os imigrantes, ao passo que o apelo e o sucesso destes partidos cresceu junto dos indivíduos à direita. Por oposição, à esquerda os indivíduos revelam um aumento na tolerância (Messing e Ságvári, 2021, pp. 113-114; Malloy et al., 2022, p. 1836). Este padrão é ilustrado pelo cenário político alemão, onde estes partidos associam as crises à política de maior abertura à imigração. Esta é entendida na retórica destes partidos como uma ameaça à segurança nacional, legitimando a intolerância para com imigrantes (Vierus e Ziller, 2023, pp. 9-10).

Dado o papel da retórica dos partidos populistas da direita radical na promoção de uma forte narrativa anti-imigração, e o seu ideário autoritário, polarizador e iliberalizante que faz destes promotores da intolerância, é de supor que quando os indivíduos conciliam o apoio a estes partidos com atitudes intolerantes face aos imigrantes, tal tenda a reforçar-se mutuamente, refletindo-se negativamente na forma como se posicionam face à democracia. Isto é, é de supor que os que perfilham de atitudes intolerantes face aos imigrantes e que em simultâneo apoiam estes partidos tendam a conciliar no seu apoio à democracia o apoio a formas autoritárias de governo. Esta expectativa assenta no pressuposto de que ao abdicar de um princípio basilar da democracia espera-se que:

(H3.1) A probabilidade de os eleitores dos partidos populistas de direita radical se assumirem como democratas iliberais aumenta quando os mesmos denotam intolerância face aos imigrantes.

1.4.2.3. A intolerância para com homossexuais

Juntamente com a intolerância para com os imigrantes, que a literatura sugere poder contribuir para explicar o perfil de democrata iliberal, a intolerância para com a homossexualidade surge também como um fator saliente.

Inglehart (2003), argumentando que a melhor forma de estimar a estabilidade de uma democracia é o grau de tolerância da sociedade, aferiu que o preditor mais forte para a primeira era sobretudo a tolerância em relação à homossexualidade (p. 51). Aliás, alguma pesquisa estabelece uma relação entre o reconhecimento dos direitos desta minoria e o regime democrático. Por exemplo, Encarnación (2014) observou uma correlação entre direitos gays e democracia no que toca à terceira vaga de democratização: estes progrediram mais nos países onde esta teve sucesso em contraste com as dificuldades nos países onde a onda democratizadora teve menos sucesso. Há ainda evidências que o empoderamento da comunidade LGBTQ+ está correlacionada com democratização e, interessantemente, os ganhos em empoderamento das minorias sexuais em contexto de democratização têm menos peso do que as perdas associadas ao contexto de retrocesso democrático (O'Dwyer, 2024 p. 1169). Tal pode ir de encontro a outro padrão: atitudes positivas em relação à homossexualidade evoluem mais rápido entre os cidadãos mais instruídos e liberais, especialmente em países em que há mais direitos referentes à comunidade LGBTQ+; porém, a consagração destes direitos não garante por si só mais tolerância (Sani e Quaranta (2022). É preocupante, então, que o estudo de Sarsfield e Schedler (2007) identifique um tipo de democratas iliberais: os homofóbicos. Estes consistem em indivíduos que dizem apoiar a democracia mas que negam direitos de cidadania a homossexuais. Aliás, políticas que refletem homofobia, têm se mostrado como as mais salientes, a par das políticas anti-imigração, para os indivíduos violarem princípios democráticos em prol do interesse partidário (Svolik, et al., 2019, p. 12). Ademais, o liberalismo social, em particular na União Europeia, no que toca a políticas de igualdade é visto como uma ameaça em democracias da Europa Central e do Leste: o resultado é um impacto negativo nas atitudes para com cidadãos que não são heteronormativos – indivíduos que não obedecem, por um lado, aos papéis tradicionais de género, e que por outro não têm comportamentos nem relações heterossexuais (Ray e Parkhill, 2020, p. 5) – sendo percecionados como uma ameaça à identidade nacionalista e tradicional (Mole, 2016; Jackás e Szalma, 2019; Żuk e Żuk, 2020).

A literatura tem mesmo sugerido uma correlação entre as atitudes homofóbicas e o apoio ao autoritarismo e à democracia: a intolerância é particularmente acentuada junto de indivíduos classificados como autoritários (Haddock e Zana, 1998, p. 91; Godø et al., 2024, p. 743). Ademais, o maior sentimento de orgulho nacional e o menor apoio à democracia surgem como fatores explicativos de maior intolerância a homossexuais, tendo esta vindo a agravar-se nos países do Leste europeu, acompanhada da homofobia abertamente expressa por líderes políticos, que ligam a homossexualidade a uma ameaça à nação e à civilização (Stychin, 1998, p. 9; Inglehart et al., 2017, p. 1330; Bolzendahl e Gracheva, 2018). Ao mesmo tempo, quando

forças políticas salientam o tópico dos direitos LGBTQ+ sob uma luz conservadora, os cidadãos mais intolerantes sentem maior eficácia política, aumentando a sua participação política; em países com forças políticas mais progressistas, são os cidadãos mais tolerantes quem mais participa politicamente (Ayoub e Page, 2020, pp. 19-20). Assim à semelhança do argumento da H3, espera-se que a intolerância em relação à homossexualidade contribua para explicar o perfil de democratas iliberais em estudo. Propomos então que:

(H4): Quanto maior a intolerância dos indivíduos em relação à homossexualidade, maior a probabilidade de serem democratas iliberais.

1.4.2.4. O efeito do populismo de direita radical e a intolerância para com homossexuais

A homofobia tem sido consistentemente promovida junto de eleitores de partidos populistas de direita radical. Não é, por isso, de estranhar que o conservadorismo, mas também a filiação partidária neste tipo de partido, tenham sido apontados como preditores fortes de intolerância para com homossexuais (Coneo et al., 2023; Eideloch, 2025, p. 5).

Percecionando a homossexualidade como algo imoral, a relação entre a homofobia e a preferência por estes partidos intensifica-se particularmente em contexto de crises sociais e económicas, motivando a procura, pelo eleitorado intolerante, de líderes fortes que protejam o estilo de vida (e de sexualidade) tradicional (Lantos et al., 2024, p. 3908; Eideloch, 2025, p. 5). Instrumentalizando a intolerância, estes partidos apresentam a homossexualidade como sendo um ataque aos valores da família tradicional, culminando por vezes em protestos violentos contra a comunidade LGBTQIA+ (Lantos et al., 2024, p. 3908).

A rejeição da homossexualidade, associada a traços autoritários dos indivíduos que expressam atitudes homofóbicas, aparenta estar associada a uma rejeição de reformas progressistas dos direitos sexuais (Lantos et al., 2024, p. 3908; Eideloch, 2025, p. 5). Os partidos populistas de direita radical enquadram a homossexualidade como uma ameaça ao status quo tradicional da identidade nacional, apelando à exclusão social e política de minorias sexuais, utilizando narrativas que alegam que a comunidade LGBTQIA+ está associada ao abuso sexual, especificamente de crianças, visando fomentar um pânico moral junto do eleitorado (Szalma, 1998; Christley, 2025). Os democratas que se afirmam como intolerantes para com homossexuais, para além de serem mais autoritários (Haddock e Zana, 1998; Godø et al., 2024), podem ser influencidados por contextos em que a homofobia pode ser reforçada por líderes e forças políticas em sistemas democráticos (Stychin, 1998; Mole, 2016; Inglehart et al.,

2017; Bolzendahl e Gracheva, 2018; Jackás e Szalma, 2019; Żuk e Żuk , 2020). Os partidos populistas de direita radical desempenham um papel iliberalizador, na medida que oferecem uma política que viola o princípio democrático da tolerância social, relacionada aos indivíduos que não se afirmam como heteronormativos. Há, por isso, uma relação próxima entre a identificação com forças políticas que promovem a intolerância e as atitudes homofóbicas dos indivíduos, assim como um potencial efeito recíproco de ambas sobre o posicionamento dos indivíduos face à democracia. Deste modo, espera-se que:

(H4.1) A probabilidade de os eleitores dos partidos populistas de direita radical se assumirem como democratas iliberais aumenta quando os mesmos denotam intolerância face a homossexuais.

CAPÍTULO 2 – ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO

Introdução

Este capítulo trata da metodologia utilizada nesta investigação. Primeiro, apresentam-se as variáveis em estudo, bem como o modelo de análise e a operacionalização dos conceitos. Posteriormente expõe-se os casos em estudo, os dados a serem utilizados (e a fonte dos mesmos) e justifica-se o lapso de tempo considerado.

2.1. Modelo de análise: operacionalização de conceitos

O Procurando responder ao objetivo de aferir quais os preditores que explicam o tipo de cidadão democrata iliberal, debruçamo-nos primeiro sobre o modelo de análise nesta investigação e a operacionalização dos conceitos, que pode ser visualizada no Quadro 1.

A variável dependente, "Perfil democrático", é uma *dummy* (1 = democrata iliberal; 0 = democrata pleno), construída através de três questões relacionadas a diferentes tipos de governar o sistema político: "O que acha de ter um sistema político democrático?", "O que acha de ter um líder forte que não tem que se preocupar com o parlamento e eleições?" e "O que acha de ter o exército a governar o país?". Estas tinham uma escala original de resposta de 1 (muito bom) a 4 (muito mau). Considera-se na presente pesquisa democrata iliberal quem, em simultâneo, respondeu 1 e 2 nestas três questões, ou seja, considera-se que demonstra apoio à democracia ao mesmo tempo que apoia formas de governo iliberais. O democrata pleno é quem apoia a democracia (1 e 2) e rejeita categoricamente as formas de governo iliberais (4). Uma operacionalização similar foi já adotada em estudos sobre apoio à democracia (Donovan, 2019; Bryan, 2023; Choi e Woo, 2024; Baro e Jenssen, 2022).

No que toca aos preditores, o autoposicionamento na escala esquerda-direita corresponde à questão "Em tópicos políticos, as pessoas falam "da esquerda" e "da direita"; como é que posicionaria as suas visões, de modo geral, nesta escala?". Esta consiste numa escala de 1 (esquerda) a 10 (direita). A simpatia por partidos populistas de direita radical, recodificada para uma dummy (1= simpatia por PPDR; 0 = simpatia por outro) corresponde à questão "Qual o partido mais apelativo para si?", em que o indivíduo responde assinalando o nome do partido político do seu país. Para identificar os partidos populistas de direita radical em estudo, foi tida em conta a classificação efetuada pelo *The Populist*; partidos sinalizados como populistas, assim como pertencentes à direita radical.

Os preditores relacionados com a intolerância compreendem duas variáveis: a intolerância face a imigrantes e aos homossexuais. No que toca aos imigrantes, foi construído um índice (Alpha de Cronbach= 0,811), variando de 0 a 1 (menos e mais intolerante, respetivamente) a partir das seguintes quatro questões: "Avalie o impacto de imigrantes no desenvolvimento do seu país", medida numa escala de 1 (muito mau) a 5 (muito bom); "Concorda que os imigrantes tiram empregos aos nacionais?"; "Concorda que os imigrantes aumentam os problemas relacionados com crime?"; "Concorda que os imigrantes são um fardo para o estado social?". Estas três últimas foram medidas numa escala de 1 (concordo) a 10 (não concordo). O preditor referente à intolerância para com homossexuais é também um índice, que segue a mesma escala que o anteriormente mencionado (Alpha de Cronbach = 0,763), foi composto por duas questões. A primeira, "Concorda que casais homossexuais são tão bons pais como outros casais?", com cinco itens possíveis de resposta medida numa escala de 1 (sim) a 5 (não). A segunda questão, "Diga se a homossexualidade é sempre, nunca, ou algo no meio, justificável." variando numa escala de 1 (nunca) e 10 (sempre) Como são escalas diferentes, e as suas direções também, inverteu-se a escala da última questão, de modo que valores mais altos do índice refletissem maior intolerância.

São incluídas também variáveis de controlo: o sexo (masculino (1) e feminino (0), sendo o primeiro o grupo de referência), a idade, o nível de interesse político variando numa escala de 1 (muito interessado) a 4 (nada interessado) e o nível de confiança em instituições políticas, um índice (Alpha de Cronbach = 0,810) que engloba a confiança no parlamento, governo, partidos políticos e no sistema judicial/tribunais, variando numa escala de 1 (muita) a 4 (nenhuma). Estas variáveis de controlo têm sido recorrentemente utilizadas no estudo da temática (Donovan, 2019; Baro e Jenssen, 2024; Choi e Woo, 2024).O Quadro 1 mostra a lista completa de indicadores usados na análise, relacionando-os com os conceitos a ser medidos, assim como as suas respetivas dimensões.

Quadro 1 – Operacionalização dos conceitos

Conceito	Dimensão	Indicadores
Democrata iliberal	Apoio à democracia	Grau de concordância: é bom o sistema político: ser democrático
	Iliberal	Grau de concordância: é bom o sistema político ter um líder forte

		Grau de concordância: é bom o sistema político: governado por militares
Autoposicionamento na escala política		Autoposicionamento na escala política esquerda-direita
Polarização ideológico-partidária	Simpatia por partidos populistas da direita radical	Partidos populistas da direita radical são mais apelativos
Intolerância social	Imigração	Os imigrantes tiram os trabalhos a nacionais
		Os imigrantes aumentam problemas com crimes
		Os imigrantes pressionam o Estado Social
		Avaliação do impacto dos imigrantes no desenvolvimento no país
	Homossexualidade	Grau de concordância: casais homossexuais são tão bons pais como outros casais
		É justificável: homossexualidade?
Controlos		Nível de interesse em política
		Sexo
		Idade
		Confiança nas instituições

2.2. Metodologia e dados

Esta investigação é explicativa, adotando uma estratégia metodológica quantitativa, para averiguar que fatores podem contribuir para explicar o fenómeno dos democratas iliberais. A unidade de análise são os indivíduos pertencentes a 21 democracias (Grã-Bretanha, Países Baixos, França, Suíça, Espanha, Portugal, Alemanha, Polónia, Chéquia, Eslováquia, Itália,

Croácia, Eslovénia, Letónia, Lituânia, Finlândia, Suécia, Noruega, Dinamarca, Islândia e Estónia). Este número justifica-se por terem participado nas ondas de inquérito entre 2017 e 2022.

Estas foram selecionadas, ainda, segundo as classificações de democracia plena, dos valores dos índices do V-DEM, Democracy Index (The Economist) e Freedom House. Foram consideradas democracias os casos que tinham valores próximos a 1 no índice de democracia liberal e eleitoral do V-DEM. No que toca ao Democracy Index, um índice que engloba dimensões eleitoral, liberal, participativa e deliberativas, as democracias plenas atingem um valor igual ou superior a 0.8, onde as liberdades civis são garantidas e as instituições democráticas têm um bom funcionamento. No que toca à Freedom House, teve-se em conta a classificação desta de "free democracy". Esta classificação resulta da agregação de valores que o país obtém em relação a direitos políticos e liberdades civis.

Os dados em que se suporta análise são provenientes da base de dados Integrated Values Survey (IVS), construída a partir da agregação das ondas de inquéritos do European Values Study (EVS) e World Values Survey (WVS), com questões replicadas por ambos desde a década de 80. Para esta dissertação considerou-se a onda mais recente de inquéritos, que corresponde aos anos de 2017 até 2022.

CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DOS MODELOS DE POLARIZAÇÃO E INTOLERÂNCIA

Introdução

Neste capítulo é efetuada a análise e interpretação dos resultados obtidos. Primeiramente é feita uma análise de natureza descritiva dos democratas iliberais com os dados disponíveis da onda de inquéritos de 2017-2022, relativamente às principais variáveis em estudo. De seguida, testamos o efeito das variáveis independentes no perfil do democrata iliberal, de forma a responder aos nossos objetivos explicativos e averiguar as hipóteses formuladas.

3.1. A caracterização dos democratas: autoposicionamento, polarização e intolerância

O Esta secção foca-se na análise descritiva da amostra dos democratas plenos e iliberais, apresentando a distribuição destes (da variável dependente), bem como as médias das variáveis independentes em estudo. A Tabela 1 trata da expressão de cada tipo de democrata (pleno e iliberal) na amostra. A distribuição destes, por país, consta na Tabela A2 dos Anexos. Depreende-se que os democratas iliberais são uma minoria, vis-à-vis os democratas plenos que configuram perto da totalidade da amostra.

Tabela 1 – Distribuição do tipo de democrata

Democrata	N	%
Pleno	14655	89,2
Iliberal	1783	10,8
Total	16438	100

Fonte: Integrated Social Surveys, onda de inquéritos 2017-2022

Debruçamo-nos agora sobre as variáveis independentes em estudo. Em primeiro lugar, atentamos à diferença entre os dois tipos de democratas no que respeita ao seu autoposicionamento na escala esquerda-direita, na Tabela 2. Relembramos que esta é medida numa escala de 1 a 10, em que 1 é esquerda e 10 direita. Os democratas iliberais, em média, autoposicionam-se mais à direita na escala política do que os plenos. Os dados correspondentes a cada país incluído no estudo podem ser consultados na Tabela A1, dos Anexos.

Tabela 2 – Autoposicionamento, em média, do tipo de democrata na escala política

Democrata	N	%	Autoposicionamento	Desvio-padrão
pleno	13617	90	5,05	2,167
iliberal	1513	10	6,06	2,282
Total	15130	100	5,13	2,200

Fonte: Integrated Social Surveys, onda de inquéritos 2017-2022

No que diz respeito à simpatia por partidos populistas da direita radical, que nos remete para a linha explicativa da polarização ideológico-partidária, apenas um segmento mínimo da amostra demonstra ter simpatia por estes partidos. Ainda assim, é junto dos democratas iliberais que estes partidos se afirmam como mais apelativos, alcançando quase o dobro do valor registado nos plenos. Pode-se ainda consultar os dados para cada país na Tabela A2 dos Anexos.

Tabela 3 – Simpatia por PPDR e outros partidos políticos, por tipo democrata

Democrata		PPDR	Outros	Total
pleno	**N**	720	13935	14655
	%	4,9	95,1	100
iliberal	**N**	163	1620	1783
	%	9,1	90,9	100
Total	**N**	15555	883	16438
	%	5,4	94,6	100

Fonte: Integrated Social Surveys, onda de inquéritos 2017-2022

Focamo-nos agora nas variáveis da intolerância social. Primeiramente, olhamos para o índice de intolerância para com imigrantes, e posteriormente para o índice de intolerância para com homossexuais. Ambos variam entre 0 e 1 (em que valores mais próximos equivalem a menos intolerância, e próximos a 1, mais intolerância). A Tabela 4 mostra que os democratas iliberais denotam níveis de intolerância para com imigrantes ligeiramente mais altos que os democratas plenos, indo de encontra às expectativas teóricas da presente pesquisa. Os valores para cada país podem ser consultados na Tabela A3 dos Anexos.

Tabela 4 – Valor médio de intolerância para com imigrantes, por democrata

Democrata	N	%	Intolerância	Desvio-padrão
pleno	14655	82,2	0,45	,020090

iliberal	1783	10,8	0,54	0,20308
Total	16438	100	0,46	0,20303

Fonte: Integrated Social Surveys, onda de inquéritos 2017-2022

No que respeita ao índice de intolerância para com homossexuais, a Tabela 5 informa que os democratas iliberais são o grupo que exibe, de longe, maior intolerância, dando suporte à linha explicativa da intolerância social, mais uma vez. Os valores para cada país podem ainda ser consultados na Tabela A4 dos Anexos. A análise descritiva destes preditores da intolerância, aparentam ainda pôr em causa uma parte da ideia de literatura prévia que sugere uma substituição, pela sociedade, do grupo-alvo da intolerância por parte da população, pelo menos junto dos democratas iliberais. Se por um lado a intolerância é mais baixa junto dos democratas plenos – especialmente no que toca a homossexuais (indo de encontro à tendência encontrada na literatura), por outro é também a intolerância relativa à homossexualidade que regista o maior valor médio, e não relativamente a imigrantes.

Tabela 5 – Valor médio de intolerância para com homossexuais, por democrata

Democrata	N	%	Intolerância	Desvio-padrão
pleno	14655	82,9	0,34	0,28315
iliberal	1783	10,8	0,6	0,2855
Total	16438	100	0,36	0,29469

Fonte: Integrated Social Surveys, onda de inquéritos 2017-2022

A análise descritiva destes preditores da intolerância, aparentam ainda pôr em causa uma parte da ideia de literatura prévia que sugere uma substituição, pela sociedade, do grupo-alvo da intolerância por parte da população, pelo menos junto dos democratas iliberais. Se por um lado a intolerância é mais baixa junto dos democratas plenos – especialmente no que toca a homossexuais (indo de encontro à tendência encontrada na literatura), por outro é também a intolerância relativa à homossexualidade que regista o maior valor médio, e não relativamente a imigrantes.

3.2. Análise multivariada: polarização, intolerância e sua interação

Para testar as hipóteses, recorrer-se-á a modelos de regressão logística binária, de forma a estimar a probabilidade de um indivíduo ser, ou não, democrata iliberal, equacionando o seu autoposicionamento na escala política, a simpatia por partidos populistas da direita radical, bem

como as suas atitudes em relação a imigrantes e homossexuais. Testa-se também os efeitos de interação entre a simpatia por partidos populistas da direita radical e a intolerância para com os dois grupos sociais visados na explicação da variável dependente.

De forma a melhor captar o efeito de cada variável independente, procedeu-se a vários modelos de regressão. Na Tabela 7 podemos visualizar os resultados dos modelos, ainda sem equacionar os efeitos de interação.

Tabela 7 – Efeitos estimados das varáveis em estudo no perfil de democrata iliberal

	Modelo 1	**Modelo 2**	**Modelo 3**	**Modelo 4**	**Modelo 5**
Variáveis	b (SE)	b (SE)	b (SE)	b (SE)	b (SE)
Autoposiciona-mento	0,208*** (0,012)				0,131*** (0,014)
Preferência PPDR		0,666*** (0,091)			0,139 (0,106)
Intolerância: imigrantes			2,190*** (0,127)		0,773*** (0,157)
Intolerância: homossexuais				2,723*** (0,083)	2,672*** (0,103)
Interesse político					0,582*** (0,034)
Confiança política					0,715*** (0,142)
Sexo (1)					-0,274*** (0,060)
Idade					-0,019*** 0,002)
Constante	-3-353*** (0,079)	-2,152*** (0,026)	-3,188*** (0,071)	-3,359*** (0,053)	-5,144*** (0,192)
Pseudo R2	0,039	0,006	0,037	0,134	0,224
N	15130	16438	16438	16438	15055

Fonte: Integrated Social Surveys , onda de inquéritos 2017-2022.

*** p < 0,001, ** p < 0,01, * p < 0,05, † p < 0,1

No Modelo 1, em que se testa o efeito do autoposicionamento na escala política, este revela-se estatisticamente significativo e positivo (p<0,001). Por cada aumento à direita, na escala política, a probabilidade de um individuo ser democrata iliberal aumenta 23,1%. O efeito da simpatia por partidos populistas da direita radical, no Modelo 2 é significativo e positivo (p<0,001). Os indivíduos que simpatizam com tais partidos, têm quase o dobro da probabilidade

(94,7%, e recordando que se trata de uma *dummy*) de serem iliberais. No que toca ao Modelo 3, também o grau de intolerância se revela como significativo e positivo (p<0,001). Por cada aumento de uma unidade no índice de intolerância (ou seja, numa direção mais intolerante), as *odds* de ser iliberal aumenta em 8,937 vezes. No Modelo 4 a intolerância para com homossexuais regista o mesmo padrão, sendo significativo (p<0,001). Como tal, por cada aumento de unidade no índice, acresce um aumento 15,228 nas *odds* de ser iliberal. Este é, de longe, o preditor mais forte até agora.

No Modelo 5 constam os principais preditores e acrescentou-se os controlos. O autposicionamento político permanece significativo (p<0,001), mas perde poder explicativo. A simpatia por partidos populistas da direita radical perde o seu efeito significativo (p=0,631), sugerindo que este é absorvido pelo efeito da intolerância social e dos controlos. Os que concernem a linha explicativa da intolerância social demonstram-se, mais uma vez, não só significativos (ambos p<0,001), como os mais fortes. Um aumento de unidade no índice de intolerância para com imigrantes aumenta em 2,165 as *odds* de ser democrata iliberal; no índice de intolerância para com homossexuais, estas aumentam para 14,469. No que toca às variáveis de controlo, todas significativas (p<0,001) para explicar o perfil iliberal: o maior interesse em política implica um aumento das *odds* em 1,790; a maior desconfiança aumenta em 2,403; o aumento de um ano na idade diminui as *odds* em 0,981 e os homens são menos provável de serem democratas iliberais (0,760).

Posto isto, averiguámos os possíveis efeitos de interação teorizados anteriormente. Na Tabela 8 constam os resultados do Modelo 6, onde foi testado o efeito de interação entre a simpatia por partidos populistas da direita radical e a intolerância para com imigrantes, e do Modelo 7, com a intolerância para com homossexuais.

Tabela 8 - Efeitos estimados dos efeitos de interação no perfil de democrata iliberal

	Modelo 6	**Modelo 7**
Variáveis	**b (SE)**	**b (SE)**
Simpatia por PPDR	2,630*** (0,314)	1,579*** (0,186)
Intolerância: imigrantes	2,340*** (0,134)	
Intolerância: homossexuais		2,873*** (0,088)

PPDR * imigrantes	-3,699*** (0,510)	
PPDR * homossexuais		-2,132*** (0,289)
Constante	-3,291*** (0,075)	-3,462*** (0,056)
Pseudo R2	0,045	0,141
N	16438	16438

Fonte: Integrated Social Surveys , onda de inquéritos 2017-2022.

*** p < 0,001, ** p < 0,01, * p < 0,05, † p < 0,1

No que toca ao Modelo 6, a interação é significativa (p<0,001). Assim, o efeito da intolerância da imigrantes no perfil do democrata é diferente para quem simpatiza com os partidos populistas de direita radical, e com quem simpatiza com outros partidos. O efeito é negativo, no entanto, contra as nossas expectativas: isto é, a intolerância para com imigrantes potencia a iliberalidade nos indivíduos que simpatizam com outros partidos (10,383 de *odds*); para quem simpatiza com os PPDR, o efeito é inverso, diminuindo a probabilidade de serem iliberais (0,257). Algo semelhante ocorre no Modelo 7. O efeito de interação é significativo (p<0,001), logo o efeito é diferente para simpatizantes dos partidos populistas de direita radical e para os restantes. É um efeito negativo, sendo que a intolerância para com homossexuais aumenta as *odds* em 17, 682 para os simpatizantes de outros partidos. Para quem simpatiza com os PPDR, o aumento no índice da intolerância implica um aumento de 2,098 de *odds* de ser democrata iliberal. Resta, por fim, analisar os resultados do Modelo Final, presentes na Tabela 9. Este inclui todas as variáveis independentes e de controlo, bem como ambos os efeitos de interação.

Tabela 9 – Modelo final dos efeitos estimados, com interações, do perfil de democrata iliberal

	Modelo Final
Variáveis	**b** **(SE)**
Autoposicionamento	0,131*** 0,014
Simpatia PPDR	2,516*** 0,374
Intolerância: imigrantes	0,898***

	0,164
Intolerância: homossexuais	2,838** 0,109
PPDR * imigrantes	-2,178*** 0,554
PPDR * homossexuais	-1,802*** 0,314
Interesse político	0,568*** 0,034
Confiança política	0,734*** 0,142
Sexo (1)	-0,271*** 0,060
Idade	-0,020*** 0,002
Constante	-5,251***
Pseudo R2	0,230
N	15055

Fonte: Integrated Social Surveys, onda de inquéritos 2017-2022

*** p < 0,001, ** p < 0,01, * p < 0,05, † p < 0,1

No que toca aos preditores principais, a intolerância para com homossexuais permanece como sendo o mais forte e explicativo (p<0,001), uma vez que o aumento de uma unidade no índice traduz-se no aumento das *odds*, em 17,076, de ser democrata iliberal. Já o aumento de uma unidade no índice de intolerância a imigrantes (p<0,001), aumenta as *odds* em 2,456. O autoposicionamento permanece significativo, também (p<0,001), sendo que a deslocação de uma unidade na escala, para a direita, aumenta as *odds* e, 1,140 de ser iliberal. A simpatia por partidos populistas da direita radical recupera o seu efeito significativo (p<0,001) (*odds* de 12,377).

No que diz respeito aos efeitos de interação, os resultados dos Modelos 6 e 7 são reiterados. São ambos significativos (p<0,001), mas com efeito negativo. Assim, o aumento da intolerância em simpatizantes de outros partidos, aumenta as *odds* do perfil iliberal, em 2,456 e 17,076 em relação à intolerância a imigrantes e homossexuais, respetivamente. Junto de quem simpatiza com os PPDR, as *odds* são menores: 0,898 e 2,838 respetivamente.

Por fim, as variáveis de controlo replicam os seus efeitos do Modelo 5. Sendo todos significativos (p<0,001), o menor interesse em política aumenta as *odds* em 1,765 de ser iliberal; a menor confiança política aumenta as *odds* em 0,981 e os homens têm uma diminuição de 0,763 de *odds* de serem democratas iliberais.

Finalizada a análise dos resultados, relembramos que hipóteses foram corroboradas. As relativas aos preditores principais (*H1, H2, H3, H4*) são corroboradas. Desta forma, os indivíduos que se autoposicionam mais à direita na escala política, que simpatizam com partidos populistas de direita radical e que se demonstram mais intolerantes em relação a imigrantes e homossexuais, têm maior probabilidade de serem democratas iliberais. O efeito das variáveis respeitantes à intolerância social também se demonstraram, de forma consistente e sistemática, como os mais fortes para explicar o perfil iliberal dos democratas. No que toca às hipóteses relativas ao efeito de interação, a *H3.1* é tecnicamente refutada: o aumento da intolerância para com imigrantes não aumentou a propensão de os simpatizantes de PPDR, serem iliberais. O mesmo padrão foi encontrado para a *H4.1*, que respeita a intolerância para com homossexuais. No entanto, ressalva-se que a não constatação destas hipóteses pode-se prender com o facto de que a maioria dos simpatizantes dos partidos populistas da direita radical já serem iliberais, pelo que o efeito de interação pode estar a ser absorvido pelo preditor independente.

Conclusões

As democracias contemporâneas enfrentam o curioso fenómeno de atitudes ambivalentes face à mesma. A presente dissertação procurou, em específico, contribuir para o que poderia explicar o apoio simultâneo pela democracia e formas de governo iliberais, como é o caso de um líder forte e um governo militar. Os indivíduos que demonstram este apoio paradoxal à democracia, são denominados como democratas iliberais.

Dispondo dos dados do Integrated Social Surveys e de forma a explicar este perfil, os dados da onda mais recente de inquéritos (2017-2022), considerou-se as duas linhas explicativas que emergem na literatura sobre a quebra de compromisso com a democracia: a da polarização ideológico-partidária (na qual os indivíduos são primeiramente partidários, e só depois democratas) e a da intolerância social (na qual atitudes de intolerância motivam o abandono e/ou violações de princípios da democracia); e ainda se procurou aferir como estas duas se poderiam interrelacionar. Assim, elaborou-se seis hipóteses tendo em conta o arcaboiço teórico que as sustentam. Estas pressupõem o democrata iliberal como sendo um indivíduo mais à direita na escala política, com maior abertura a partidos populistas da direita radical e mais intolerantes para com imigrantes e homossexuais.

Num registo descritivo, no que toca à onda mais recente – que concerne os fatores explicativos – os democratas iliberais, em contraste com os democratas plenos, posicionam-se mais à direita na escala política, simpatizam em maior grau partidos populistas da direita radical, e apresentam maior intolerância para com imigrantes e homossexuais. Para averiguar se estes preditores eram estatisticamente significativos, recorreu-se a modelos de regressão logística binária.

Estes confirmam todas as hipóteses principais elaboradas: os indivíduos que se autoposicionam mais à direita, simpatizam com PPDR, são mais intolerantes para com imigrantes e homossexuais têm maior probabilidade de serem democratas iliberais. Estes preditores revelaram-se de forma consistente como sendo altamente significativos, mesmo com parâmetros de controlo. As subhipóteses não foram corroboradas: os efeitos de interação são nulos. A simpatia por partidos populistas da direita radical, em indivíduos que comportam uma atitude intolerante para com estes grupos sociais, em nada contribui para a iliberalidade deste perfil de democrata.

Em suma, os resultados empíricos apontam para a importância do posicionamento do indivíduo mais à direita, com uma visão mais conservadora da sociedade, bem como da linha explicativa da tolerância, em especial para com os homossexuais. Por um lado, a linha

explicativa da polarização ideológica-partidária, comummente corroborada, é confirmada nesta tese, no entanto não se demostra como sendo a mais forte do ponto de vista estatístico, sugerindo que esta iliberalização possa ter raízes mais profundas que interesses partidários ou momentos polarizadores. Por outro, o facto de a intolerância à homossexualidade ser o preditor mais saliente para prever a iliberalidade dos democratas, vai de encontro à literatura que denota a importância da tolerância da homossexualidade na consolidação e legitimidade democrática; também o efeito da intolerância para com imigrantes ser significativo replica a literatura que aponta para este como sendo saliente para a quebra de compromisso democrático.

A persistência de uma franja de cidadãos que conjuga apoio à democracia com formas de governo iliberais, vai de encontro à pesquisa que põe em causa a visão de que o apoio a esta é estável e unívoco, e que apenas se desdobra no aumento de cidadãos críticos. Na realidade, esta dissertação demonstra que este apoio paradoxal, e que questiona a legitimidade do sistema democrático, estará mais relacionada à intolerância social. A vulnerabilidade das democracias contemporâneas poderá, assim, ser explicada em parte pela diminuição da tolerância social. Considerando o efeito significativo da simpatia por forças políticas polarizadoras, a diminuição da tolerância social passa em parte também por estas forças tenderem a atacar e visar minorias sociais já marginalizadas e, sobretudo, fragilizadas pela reprodução de desigualdades que se observa nas democracias desde a sua origem. Esta dissertação alerta e apela, então, pela aposta e reforço de valores que sustentam a democracia, como a tolerância e o pluralismo, quer pela expansão de direitos de minorias, quer por meios pedagógicos e educativos. Não se deve ignorar outro padrão que a literatura salienta e que esta análise confirma: os mais jovens são os mais iliberais; dever-se-á cultivar valores e princípios democráticos junto destes, de forma a sustentar e legitimar a importância e vitalidade da democracia.

Pesquisas futuras deverão ambicionar a equacionar outros fatores, nomeadamente de natureza contextual, equacionando diferenças nas diversas democracias europeias, mas também de outras áreas do globo. Outros fatores atuais, contributivos para polarização, como redes sociais, poderão revelar outros padrões – a utilização de redes socias, em larga medida pelos jovens, que se apresentam crescentemente como mais autoritários, poderá ser explicativo para esta iliberalidade mais pronunciada junto deles. A análise, em particular sob a luz da intolerância social, deverá ainda ser alargada a outros grupos sociais, nomeadamente pertencentes à comunidade LGBTQIA+: as pessoas transgéneras têm sido, nos últimos tempos, uma das minorias mais visadas por agentes políticos conservadores e extremistas. Ataques recorrentes poderão estar a contribuir para a normalização de práticas iliberais, minando o princípio da tolerância – alicerce fundamental da democracia.

Por fim, esta dissertação sublinha a importância de continuar a trabalhar na erradicação de desigualdades ainda presentes nas democracias e que mina a sua legitimidade; há que cultivar e preservar a tolerância e a inclusão sociais.

Referências Bibliográficas

Abdou, H. L. A., Bale, T., Geddes, A. P. (2021). Centre-right parties and immigration in an era of politicisation. *Journal of Ethnic and Migration Studies, 48*(2), 327–340. https://doi.org/10.1080/1369183X.2020.1853901

Abou-Chadi, T., Cohen, D., & Wagner, M. (2021). The centre-right versus the radical right: the role of migration issues and economic grievances. *Journal of Ethnic and Migration Studies, 48*(2), 366–384. https://doi.org/10.1080/1369183X.2020.1853903

Ackermann, K., König, P. D., & Siewert, M. B. (2022). Conceptualizing and Measuring Citizens' Preferences for Democracy: Taking Stock of Three Decades of Research in a Fragmented Field. *Comparative Political Studies, 55*(12), 2015-2049. https://doi.org/10.1177/00104140211066213

Altiparmakis, A., Bojár, Á., Kriesi, H., & Oană, I.-E. (2024). Framing the Refugee Crisis on the Right. In *Coming to Terms with the European Refugee Crisis* (pp. 195–220). Cambridge University Press.

Armingeon, K., & Guthmann, K. (2013). Democracy in crisis? The declining support for national democracy in European countries, 2007-2011. *European Journal of Political Research*, *53*(3), 423-442. https://doi.org/10.1111/1475-6765.12046

Arruzza, C., Bhattacharya, B., & Fraser, N. (2019). *Feminismo para os 99%*. Penguin Random House.

Ayoub, P.M., & Page, D. (2020). When Do Opponents of Gay Rights Mobilize? Explaining Political Participation in Times of Backlash against Liberalism. *Political Research Quarterly*, *73*(3), 696-713. 10.1177/1065912919853377.

Bale, T. (2008). Turning round the telescope. Centre-right parties and immigration and integration policy in Europe. *Journal of European Public Policy, 15*(3), 315–330. https://doi.org/10.1080/13501760701847341

Baro, E., & Jenssen, A. (2024). Beyond the cultural backlash: exploring diverse pathways to authoritarian populism in Europe. *Democratization,* 1-23. https://doi.org/10.1080/13510347.2024.2371453

Belchior, A. M. da C., & Teixeira, C. P. (2023). Breaking with mainstream politics while engaging with polarized: determinants of young Europeans' support for democracy. *Journal of Youth Studies*, *27*(7), 986–1005. https://doi.org/10.1080/13676261.2023.2187693

Boix, C., Horne, W., & Kerchner, A. (2020). The Evolution of Political Representation in Liberal Democracies: Concepts and Practices. Em R. Rohrschneider, & J. Thomassen (Eds.), *Oxford Handbook of Political Representation in Liberal Democracies* (pp. 55-75). Oxford University Press.

Bojar, A., Oana, I-E., & Wang, C. (2024). The COVID-19 lockdown paradox: democratic support during democratic restrictions. *European Political Science Review*, *17*(2), 239-257. https://doi.org/10.1017/S1755773924000298

Bolzendahl, C., & Gracheva, K. (2018). Rejecting the West? Homonegative attitudes and political orientations in contemporary Eastern Europe. *European Journal of Politics and Gender*, *1*(3), 345-366. https://doi.org/10.1332/251510818X15395098277094

Bowler, S., Denemark, D., Donovan, T., McDonnell, D. (2016). Right-wing populist party supporters: Dissatisfied but not direct democrats. *European Journal of Political Research, 56*(1), 70-91. DOI: 10.1111/1475-6765.12166

Bryan, J. D. (2023). What Kind of Democracy Do We All Support? How Partisan Interest Impacts a Citizen's Conceptualization of Democracy. *Comparative Political Studies, 56*(10), 1597-1627. https://doi.org/10.1177/00104140231152784

Cheibub, J.A., Przeworski, A., Limongi Neto, F.P., & Alvarez, M.M. (1996). What Makes Democracies Endure? *Journal of Democracy*, *7*(1), 39-55. https://doi.org/10.1353/jod.1996.0016

Choi, J., & Woo, B. D. (2024). Support for a strong leader or democracy, or both? *Democratization*, *32*(1), 1–20. https://doi.org/10.1080/13510347.2024.2392643

Ciccolini, G. (2025). Who Is Left Behind? Economic Status Loss and Populist Radical Right Voting. *Perspectives on Politics*, 1–18. DOI:10.1017/S1537592724002858

Claassen, C. (2020). In the Mood for Democracy? Democratic Support as Thermostatic Opinion. *American Political Science Review, 114*(1), 36–53. DOI:10.1017/S0003055419000558

Dahl, R. (1972). *Polyarchy – Participation and Opposition.* Yale University Press.

Dahl, R. (1989). *Democracy and Its Critics.* Yale University Press.

Dalton, R. J. (1999). Political Support in Advanced Industrial Democracies. Em P. Norris (Ed.), *Critical Citizens: Global Support for Democratic Government* (pp. 57-77). Oxford University Press. https://doi.org/10.1093/0198295685.003.0003

Davis, N. T., Goidel, K., & Zhao, Y. (2021). The meanings of democracy among mass publics. *Social Indicators Research, 153*(3), 849–921. https://doi.org/10.1007/s11205-020-02517-2

Dickson, Z., Hobolt, S. B., Klüver, H., Kuhn, T., Milosav, Đ., & Rodon, T. (2025). The youth gender gap in support for the far right. *Journal of European Public Policy*, 1–25. https://doi.org/10.1080/13501763.2025.2481181

Diez-Medrano, J., Haerpfer, C., Inglehart, R., Kizilova, K., Lagos, M., Moreno, A., Norris, P., Ponarin, E., Puranen, B., & Welzel, C. (Eds.). (2022). *World Values Survey trend file (1981–2022): Cross-national data-set (Version 4.0.0)*. JD Systems Institute & WVSA Secretariat. https://doi.org/10.14281/18241.27

Donovan, T. (2019). Authoritarian attitudes and support for radical right populists. *Journal of Elections, Public Opinion and Parties, 29*(4), 448-464. https://doi.org/10.1080/17457289.2019.1666270

Downes, J. F., & Loveless, M. (2018). Centre right and radical right party competition in Europe: Strategic emphasis on immigration, anti-incumbency, and economic crisis. *Electoral Studies, 54*, 148–158. https://doi.org/10.1016/j.electstud.2018.05.008.

Easton, D. (1975). A Re-Assessment of the Concept of Political Support. *British Journal of Political Science, 5*(4), 435–457. http://www.jstor.org/stable/193437

Encarnación, O.G. (2014). Gay Rights: Why Democracy Matters. *Journal of Democracy*, 25(3), 90-104. https://dx.doi.org/10.1353/jod.2014.0044.

European Values Study. (2022). *EVS trend file 1981–2017 (Version 3.0.0)*. GESIS Data Archive. https://doi.org/10.4232/1.14021

Ferrer, J., & Palmisano, C. (2025). Beyond the Trump Presidency: The Racial Underpinnings of White Americans' Anti-Democratic Beliefs. *The Journal of Race, Ethnicity, and Politics*, *10*(1), 60–85. doi:10.1017/rep.2025.1

Foa, M., & Mounk, Y. (2016). The Democratic Disconnect. *Journal of Democracy, 27*(3), 5-17. https://doi.org/10.1353/jod.2016.0049

Fossati, D., Muhtadi, B., & Warburton, E. (2022). Why democrats abandon democracy: Evidence from four survey experiments. *Party Politics, 28*(3), 554-566. https://doi.org/10.1177/1354068821992488

Funke, M., Schularick, M., & Trebesch, C. (2016). Going to extremes: Politics after financial crises, 1870–2014. *European Economic Review, 88*, 227–260. https://doi.org/10.1016/j.euroecorev.2016.03.006.

Geddes, B., & Zaller, J. (1989). Sources of Popular Support for Authoritarian Regimes. *American Journal of Political Science, 33*(2), 319-347. http://www.jstor.org/stable/2111150

Gessler, T., & Wunsch, N. (2023). Who tolerates democratic backsliding? A mosaic approach to voters' responses to authoritarian leadership in Hungary. *Democratization, 30*(5), 914-937. DOI: 10.1080/13510347.2023.2203918

Godø, T. B., Bjørndal, Å., Fluge, I. M., Johannessen, R., & Lavdas, M. (2024). Personality Traits, Ideology, and Attitudes Toward LGBT People: A Scoping Review. *Journal of Homosexuality, 72*(4), 733–752. https://doi.org/10.1080/00918369.2024.2344015

Graham, M. H., & Svolik, M. W. (2020). Democracy in America? Partisanship, Polarization, and the Robustness of Support for Democracy in the United States. *American Political Science Review, 144*(2), 392-402. DOI:10.1017/S0003055420000052

Haddock, G., & Zanna, M. (1998). Authoritarianism, values, and the favorability and structure of antigay attitudes. Em G. M. Herek (Ed.) *Authoritarianism, values, and the favorability and structure of antigay attitudes* (pp. 82-107). SAGE Publications. https://doi.org/10.4135/9781452243818

Hibbing, J. R., & Theiss-Morse, E. (2004). *Stealth Democracy*. Cambridge University Press.

Hibbing, J.R. (2022). Populists, authoritarians, or securitarians? Policy preferences and threats to democratic governance in the modern age. *Global Public Policy and Governance, 2*, 47–65 https://doi.org/10.1007/s43508-021-00031-w

Hobolt, S. B., van der Brug, W., & Popa, S. A. (2025). The kids are Alt right? Age, authoritarian attitudes and far-right support in Europe. *Journal of European Public Policy*, 1–26. https://doi.org/10.1080/13501763.2025.2488358

Howe, P. (2017). Eroding Norms and Democratic Deconsolidation. *Journal of Democracy*, *28*(4), 15-29. https://doi.org/10.1353/jod.2017.0061

Hurwitz, J., & Mondak, J. (2002). Democratic Principles, Discrimination and Political Intolerance. *British Journal of Political Science, 32*(1), 93-118. http://www.jstor.org/stable/4092208

Hutter, S., & Kriesi, H. (2022). Politicising immigration in times of crisis. *Journal of Ethnic and Migration Studies, 48*(2), 341-365, DOI: 10.1080/1369183X.2020.1853902

Inglehart, R. (1977). *The Silent Revolution: Changing Values and Political Styles Among Western Publics*. Princeton University Press.

Inglehart, R. (2003). How Solid is Mass Support for Democracy—And How Can We Measure It? *Political Science & Politics, 36*(1), 51–57. DOI:10.1017/S1049096503001689

Inglehart, R. F., Ponarin, E., & Inglehart, R. C. (2017). Cultural change, slow and fast: The distinctive trajectory of norms governing gender equality and sexual orientation. *Social Forces, 95*(4), 1313–1340. https://doi.org/10.1093/sf/sox008

Inglehart, R., & Norris, P. (2017). Trump and the Populist Authoritarian Parties: The Silent Revolution in Reverse. *Perspectives on Politics*, *15*(2), 443-454. doi:10.1017/S1537592717000111

Inglehart, R., & Norris, P. (2019). *Cultural Backlash: Trump, Brexit, and Authoritarian Populism*. Cambridge University Press.

Iyengar, S. & Westwood, S.J. (2015). Fear and Loathing across Party Lines: New Evidence on Group Polarization. *American Journal of Political Science*, *59*(3), 690-707. https://doi.org/10.1111/ajps.12152

Janmaat, J. G., & Keating, A. (2017). Are today's youth more tolerant? Trends in tolerance among young people in Britain. *Ethnicities, 19*(1), 44-65. https://doi.org/10.1177/1468796817723682

Kapelner, Z. (2024) Anti-immigrant backlash: the Democratic Dilemma for immigration policy. *Comparative Migration Studies, 12*(12), 1-18. https://doi.org/10.1186/s40878-024-00370-7

Kirsch, H., & Welzel, C. (2019). Democracy misunderstood: Authoritarian notions of democracy around the globe. *Social Forces, 98*(1), 59–91. https://doi.org/10.1093/sf/soy114

Klingemann, H-D. (1999). Mapping Political Support in the 1990s: A Global Analysis. Em P. Norris (Ed.), *Critical Citizens: Global Support for Democratic Government* (pp. 31-56). Oxford University Press. https://doi.org/10.1093/0198295685.003.0002

Kochi, T., (2023). Authoritarian Populism, Democracy and the Long Counter-Revolution of the Radical Right. *Contemporary Political Theory 22*, 439–459. https://doi.org/10.1057/s41296-022-00611-3

Kokkonen, A., & Linde, J. (2022). A nativist divide? Anti-immigration attitudes and diffuse support for democracy in Western Europe. *European Journal of Political Research*, 1–12. https://doi.org/10.1111/1475-6765.12551

Kriesi, H., Grande, E., Lachat, R., Dolezal, M., Bornschier, S., & Frey, T. (2006). Globalization and the transformation of the national political space: Six European countries compared. *European Journal of Political Research, 45*(6), 921-956. https://doi.org/10.1111/j.1475-6765.2006.00644.x

Levitsky, S., & Ziblatt, D. (2018). *How Democracies Die*. Penguin Random House.

Levitsky, S., & Ziblatt, D. (2023). *Tyranny of the Minority*. Crown.

Linz, J., & Stepan, A. (1996). *Problems of Democratic Transition and Consolidation.* The Johns Hopkins University Press.

Lipset, S.M. (1969). Social Conflict, Legitimacy, and Democracy. In: Blondel, J. (eds) *Comparative Government* (pp. 52-59). Palgrave, London. https://doi.org/10.1007/978-1-349-15318-3_7

Lister, R. (2003). *Sexual Citizenship*. Em Isin, E & Turner, B (Eds.), Handbook of Citizenship Studies (pp. 131-157). Sage Publications Ltd.

Lozada M., (2014). Us or them? Social representations and imaginaries of the other in Venezuela. *Papers on Social Representations, 23*(2), 1-16.

Magalhães, P. C. (2014). Government effectiveness and support for democracy. European *Journal of Political Research, 53*(1), 77-97. https://doi.org/10.1111/1475-6765.12024

Mansbridge, J. (2020). The Evolution of Political Representation in Liberal Democracies: Concepts and Practices. Em R. Rohrschneider, & J. Thomassen (Eds.), *Oxford Handbook of Political Representation in Liberal Democracies* (pp. 17-54). Oxford University Press.

Mason, L. (2018). *Uncivil Agreement: How Politics Became Our Identity.* University of Chicago Press.

McCoy, J., Rahman, T., & Somer, M. (2018). Polarization and the Global Crisis of Democracy: Common Patterns, Dynamics, and Pernicious Consequences for Democratic Polities. *American Behavioral Scientist, 62*(1), 16-42. DOI: 10.1177/0002764218759576

Mole, R. C. M. (2016). Nationalism and homophobia in Central and Eastern Europe. Em K. Slootmaeckers, H. Touquet, & P. Vermeersch (Eds.), *The EU enlargement and gay politics* (pp. 99-121). Palgrave Macmillan.. https://doi.org/10.1057/978-1-137-48093-4_5

Mudde, C. (2017). *The Far Right In America*. Routledge.

Mudde, C., & Kaltwasser, C.R. (2017). *Populism: A Very Short Introduction.* Oxford University Press.

Norris, P. (2011). *Democratic Deficit: Critical Citizens Revisited.* Cambridge: Cambridge University Press.

Norris, P. (2017). *Is Western democracy backsliding? Diagnosing the risks* (HKS Working Paper No. RWP17-012). Harvard Kennedy School. https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=2933655

Norris, P. (Ed.). (1999). *Global Support for Democratic Government*. Oxford University Press. https://doi.org/10.1093/0198295685.003.0001

O'Dwyer, C. (2024). Backsliding versus Backlash: Do Challenges to Democracy in East Central Europe Threaten LGBTQIAP Empowerment? *East European Politics and Societies, 38*(4), 1166-1194. https://doi.org/10.1177/08883254231182999

Orhan, Y. E. (2022). The relationship between affective polarization and democratic backsliding: comparative evidence. *Democratization, 29*(4), 714–735. https://doi.org/10.1080/13510347.2021.2008912

Przeworski, A. (1991). *Democracy and the Market: Political and Economic Reforms in Eastern Europe and Latin America*. Cambridge University Press.

Sarsfield, R., & Schedler, A. (2007). Democrats with adjectives: Linking direct and indirect measures of democratic support. *European Journal of Political Research, 46*(5), 637-659. DOI: 10.1111/j.1475-6765.2007.00708.x

Sartori, G. (2005). *Parties and Party Systems: A Framework for Analysis*. ECPR Press.

Schäfer, A. (2022). Cultural Backlash? How (Not) to Explain the Rise of Authoritarian Populism. *British Journal of Political Science, 52*(4), 1977–1993. DOI:10.1017/S0007123421000363

Schedler, A. (2023). Rethinking Political Polarization. *Political Science Quarterly, 138*(3), 335–359. https://doi.org/10.1093/psquar/qqad038

Schmidt, K. (2021). The dynamics of attitudes toward immigrants: Cohort analyses for Western EU member states. *International Journal of Comparative Sociology*, *62*(4), 281-310. https://doi.org/10.1177/00207152211052582

Schumpeter, J. A. (1947). *Capitalism, Socialism and Democracy* (2ª edição). Routledge.

Stavrakakis, Y. (2018). Paradoxes of Polarization: Democracy's Inherent Division and the (Anti-) Populist Challenge. *American Behavioral Scientist, 62*(1), 43-58. https://doi.org/10.1177/0002764218756924

Stychin, C. F. (1998). *A nation by rights: National cultures, sexual identity politics, and the discourse of rights*. Temple University Press.

Svolik, M. W. (2019). Polarization versus Democracy. *Journal of Democracy, 30*(3), 20-32. https://doi.org/10.1353/jod.2019.0039

Svolik, M.W., Avramovska, E., Lutz, J., & Milačić, F. (2023). In Europe, Democracy Erodes from the Right. *Journal of Democracy 34*(1), 5-20. https://dx.doi.org/10.1353/jod.2023.0000.

Thomas, K. (2016). Democratic Support and Globalization. Em J. Vowles, & G. Xezonakis (Eds.), *Globalization and Domestic Politics: Parties, Elections, and Public Opinion* (pp. 209-234). Oxford University Press.

Tilly, C. (2007). *Democracy*. Cambridge University Press.

Voeten, E. (2016, dezembro). *Are People Really Turning Away from Democracy?*. http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.2882878

Wodak, R. (2015). *The Politics of Fear: What Right-Wing Populist Discourses Mean*. SAGE Publications Ltd.

Żuk, P., & Żuk, P. (2020). "Democracy is not for everyone": Nationalist homophobia in Eastern Europe and opposition to liberal democracy in the European Union. *Communist and Post-Communist Studies, 53*(3), 1–21. https://doi.org/10.1525/cpcs.2020.53.3.1

Anexos

Tabela A1 – Autoposicionamento dos democratas em cada país

País	Tipo de democrata	Média	N	Desvio padrão	% N total
Grã Bretanha	pleno	5,00	786	2,097	5,2%
	iliberal	5,66	116	1,724	0,8%
	Total	5,09	902	2,064	6,0%
Países Baixos	pleno	4,81	1162	2,175	7,7%
	iliberal	6,47	60	2,213	0,4%
	Total	4,89	1222	2,205	8,1%
França	pleno	4,53	517	2,051	3,4%
	iliberal	6,48	80	2,233	0,5%
	Total	4,79	597	2,178	3,9%
Suíça	pleno	4,92	1299	2,028	8,6%
	iliberal	5,51	65	2,230	0,4%
	Total	4,95	1364	2,041	9,0%
Espanha	pleno	4,28	371	2,322	2,5%
	iliberal	6,17	52	2,185	0,3%
	Total	4,51	423	2,386	2,8%
Portugal	pleno	4,38	58	1,520	0,4%
	iliberal	5,42	92	1,974	0,6%
	Total	5,02	150	1,877	1,0%
Alemanha	pleno	4,64	1623	1,703	10,7%
	iliberal	6,17	23	2,570	0,2%
	Total	4,66	1646	1,726	10,9%
Polónia	pleno	5,74	288	2,400	1,9%
	iliberal	7,08	63	2,097	0,4%
	Total	5,98	351	2,402	2,3%
Chéquia	pleno	6,00	911	2,238	6,0%
	iliberal	5,38	172	2,438	1,1%
	Total	5,91	1083	2,281	7,2%
Eslováquia	pleno	5,55	537	2,115	3,5%

	iliberal	6,10	219	2,093	1,4%
	Total	5,71	756	2,121	5,0%
Itália	pleno	4,75	574	2,309	3,8%
	iliberal	6,52	104	2,268	0,7%
	Total	5,02	678	2,388	4,5%
Croácia	pleno	4,39	275	2,361	1,8%
	iliberal	6,53	146	2,563	1,0%
	Total	5,13	421	2,637	2,8%
Eslovénia	pleno	4,44	285	2,076	1,9%
	iliberal	5,73	22	1,778	0,1%
	Total	4,53	307	2,080	2,0%
Estónia	pleno	5,94	353	1,982	2,3%
	iliberal	5,00	10	3,018	0,1%
	Total	5,91	363	2,017	2,4%
Letónia	pleno	6,22	153	2,124	1,0%
	iliberal	6,60	52	2,809	0,3%
	Total	6,31	205	2,316	1,4%
Lituânia	pleno	6,42	149	2,169	1,0%
	iliberal	5,99	100	2,204	0,7%
	Total	6,25	249	2,189	1,6%
Finlândia	pleno	5,52	519	2,283	3,4%
	iliberal	6,82	28	2,161	0,2%
	Total	5,59	547	2,293	3,6%
Suécia	pleno	5,24	552	2,102	3,6%
	iliberal	6,15	27	2,214	0,2%
	Total	5,28	579	2,114	3,8%
Noruega	pleno	5,20	596	2,126	3,9%
	iliberal	6,82	17	2,215	0,1%
	Total	5,24	613	2,143	4,1%
Dinamarca	pleno	5,02	1743	2,211	11,5%
	iliberal	5,51	55	2,300	0,4%
	Total	5,03	1798	2,215	11,9%

Islândia	pleno	4,91	866	2,166	5,7%
	iliberal	5,70	10	2,058	0,1%
	Total	4,92	876	2,165	5,8%
Total	pleno	5,05	13617	2,167	90,0%
	iliberal	6,06	1513	2,282	10,0%
	Total	5,15	15130	2,200	100,0%

Tabela A2 – Simpatia por PPDR e outros, por democrata e país

Relatório

Dummy partidos

País	Tipo de democrata	Média	N	Desvio padrão	% N total
Grã Bretanha	Democrata pleno	,0173	810	,13041	4,9%
	Democrata iliberal	,0382	131	,19234	0,8%
	Total	,0202	941	,14073	5,7%
Países Baixos	Democrata pleno	,0295	1186	,16931	7,2%
	Democrata iliberal	,1449	69	,35461	0,4%
	Total	,0359	1255	,18601	7,6%
França	Democrata pleno	,0359	585	,18619	3,6%
	Democrata iliberal	,2222	99	,41786	0,6%
	Total	,0629	684	,24290	4,2%
Suíça	Democrata pleno	,1089	1331	,31168	8,1%
	Democrata iliberal	,2308	65	,42460	0,4%
	Total	,1146	1396	,31867	8,5%
Espanha	Democrata pleno	,0000	430	,00000	2,6%
	Democrata iliberal	,0000	68	,00000	0,4%
	Total	,0000	498	,00000	3,0%
Portugal	Democrata pleno	,0282	71	,16663	0,4%
	Democrata iliberal	,0190	105	,13735	0,6%

	Total	,0227	176	,14946	1,1%
Alemanha	Democrata pleno	,0162	1724	,12644	10,5%
	Democrata iliberal	,0769	26	,27175	0,2%
	Total	,0171	1750	,12984	10,6%
Polónia	Democrata pleno	,2126	334	,40974	2,0%
	Democrata iliberal	,4231	78	,49725	0,5%
	Total	,2524	412	,43493	2,5%
Chéquia	Democrata pleno	,0181	996	,13328	6,1%
	Democrata iliberal	,0410	195	,19886	1,2%
	Total	,0218	1191	,14619	7,2%
Eslováquia	Democrata pleno	,0240	624	,15329	3,8%
	Democrata iliberal	,0979	235	,29778	1,4%
	Total	,0442	859	,20574	5,2%
Itália	Democrata pleno	,0967	734	,29579	4,5%
	Democrata iliberal	,1061	132	,30909	0,8%
	Total	,0982	866	,29769	5,3%
Croácia	Democrata pleno	,0000	309	,00000	1,9%
	Democrata iliberal	,0052	192	,07217	1,2%
	Total	,0020	501	,04468	3,0%
Eslovénia	Democrata pleno	,0000	344	,00000	2,1%
	Democrata iliberal	,0000	28	,00000	0,2%
	Total	,0000	372	,00000	2,3%
Estónia	Democrata pleno	,0973	452	,29676	2,7%
	Democrata iliberal	,1053	19	,31530	0,1%
	Total	,0977	471	,29718	2,9%
Letónia	Democrata pleno	,1050	181	,30737	1,1%
	Democrata iliberal	,0484	62	,21633	0,4%
	Total	,0905	243	,28754	1,5%

Lituânia	Democrata pleno	,0000	195	,00000	1,2%
	Democrata iliberal	,0000	136	,00000	0,8%
	Total	,0000	331	,00000	2,0%
Finlândia	Democrata pleno	,0380	526	,19143	3,2%
	Democrata iliberal	,3214	28	,47559	0,2%
	Total	,0523	554	,22293	3,4%
Suécia	Democrata pleno	,0475	568	,21297	3,5%
	Democrata iliberal	,1429	28	,35635	0,2%
	Total	,0520	596	,22224	3,6%
Noruega	Democrata pleno	,0430	605	,20297	3,7%
	Democrata iliberal	,1667	18	,38348	0,1%
	Total	,0465	623	,21084	3,8%
Dinamarca	Democrata pleno	,0932	1760	,29077	10,7%
	Democrata iliberal	,1207	58	,32861	0,4%
	Total	,0941	1818	,29199	11,1%
Islândia	Democrata pleno	,0000	890	,00000	5,4%
	Democrata iliberal	,0000	11	,00000	0,1%
	Total	,0000	901	,00000	5,5%
Total	Democrata pleno	,0491	14655	,21615	89,2%
	Democrata iliberal	,0914	1783	,28828	10,8%
	Total	,0537	16438	,22547	100,0%

Tabela A3 – Intolerância social para com imigrantes por democrata e país

País	Tipo de democrata	Média	N	Desvio padrão	% N total
Grã-Bretanha	Democrata pleno	,3445	810	,20655	4,9%
	Democrata iliberal	,4995	131	,21667	0,8%

	Total	,3661	941	,21469	5,7%
Países Baixos	Democrata pleno	,4720	1186	,19600	7,2%
	Democrata iliberal	,5337	69	,19173	0,4%
	Total	,4754	1255	,19619	7,6%
França	Democrata pleno	,3749	585	,20263	3,6%
	Democrata iliberal	,5534	99	,19995	0,6%
	Total	,4007	684	,21165	4,2%
Suíça	Democrata pleno	,4368	1331	,17912	8,1%
	Democrata iliberal	,5038	65	,19955	0,4%
	Total	,4399	1396	,18059	8,5%
Espanha	Democrata pleno	,3871	430	,19566	2,6%
	Democrata iliberal	,4142	68	,21412	0,4%
	Total	,3908	498	,19827	3,0%
Portugal	Democrata pleno	,3902	71	,19868	0,4%
	Democrata iliberal	,5142	105	,16644	0,6%
	Total	,4642	176	,18966	1,1%
Alemanha	Democrata pleno	,4609	1724	,19929	10,5%
	Democrata iliberal	,6075	26	,19240	0,2%
	Total	,4631	1750	,19993	10,6%
Polónia	Democrata pleno	,4336	334	,21034	2,0%
	Democrata iliberal	,5694	78	,18200	0,5%
	Total	,4593	412	,21188	2,5%

Chéquia	Democrata pleno	,5607	996	,20935	6,1%
	Democrata iliberal	,5854	195	,22134	1,2%
	Total	,5647	1191	,21146	7,2%
Eslováquia	Democrata pleno	,5907	624	,19466	3,8%
	Democrata iliberal	,5572	235	,23404	1,4%
	Total	,5815	859	,20658	5,2%
Itália	Democrata pleno	,4796	734	,19959	4,5%
	Democrata iliberal	,5481	132	,19173	0,8%
	Total	,4900	866	,19983	5,3%
Croácia	Democrata pleno	,4616	309	,19771	1,9%
	Democrata iliberal	,5739	192	,18267	1,2%
	Total	,5046	501	,19953	3,0%
Eslovénia	Democrata pleno	,4421	344	,17609	2,1%
	Democrata iliberal	,4963	28	,14689	0,2%
	Total	,4461	372	,17448	2,3%
Estónia	Democrata pleno	,4931	452	,18571	2,7%
	Democrata iliberal	,5270	19	,19163	0,1%
	Total	,4945	471	,18586	2,9%
Letónia	Democrata pleno	,4777	181	,20394	1,1%
	Democrata iliberal	,5391	62	,18943	0,4%
	Total	,4933	243	,20174	1,5%
Lituânia	Democrata pleno	,5137	195	,17721	1,2%

	Democrata iliberal	,5309	136	,18215	0,8%
	Total	,5208	331	,17918	2,0%
Finlândia	Democrata pleno	,4091	526	,17479	3,2%
	Democrata iliberal	,5408	28	,19864	0,2%
	Total	,4158	554	,17823	3,4%
Suécia	Democrata pleno	,4051	568	,17001	3,5%
	Democrata iliberal	,4883	28	,17478	0,2%
	Total	,4090	596	,17099	3,6%
Noruega	Democrata pleno	,4241	605	,15888	3,7%
	Democrata iliberal	,4601	18	,18521	0,1%
	Total	,4251	623	,15964	3,8%
Dinamarca	Democrata pleno	,4850	1760	,17248	10,7%
	Democrata iliberal	,5015	58	,18113	0,4%
	Total	,4855	1818	,17273	11,1%
Islândia	Democrata pleno	,3039	890	,17808	5,4%
	Democrata iliberal	,3842	11	,16394	0,1%
	Total	,3048	901	,17805	5,5%
Total	Democrata pleno	,4491	14655	,20090	89,2%
	Democrata iliberal	,5383	1783	,20308	10,8%
	Total	,4588	16438	,20303	100,0%

Tabela A4 – Intolerância social para com homossexuais, por democrata e país

País	Tipo democrata	Média	N	Desvio padrão	% N total
Grã Bretanha	Democrata pleno	,3203	810	,25233	4,9%
	Democrata iliberal	,4555	131	,25877	0,8%
	Total	,3391	941	,25739	5,7%
Países Baixos	Democrata pleno	,2057	1186	,18287	7,2%
	Democrata iliberal	,4097	69	,27483	0,4%
	Total	,2169	1255	,19458	7,6%
França	Democrata pleno	,2718	585	,26226	3,6%
	Democrata iliberal	,4777	99	,30747	0,6%
	Total	,3016	684	,27863	4,2%
Suíça	Democrata pleno	,3345	1331	,25018	8,1%
	Democrata iliberal	,5307	65	,26992	0,4%
	Total	,3436	1396	,25441	8,5%
Espanha	Democrata pleno	,2990	430	,23595	2,6%
	Democrata iliberal	,4912	68	,24221	0,4%
	Total	,3252	498	,24562	3,0%
Portugal	Democrata pleno	,3578	71	,27519	0,4%
	Democrata iliberal	,5862	105	,23986	0,6%
	Total	,4941	176	,27769	1,1%
Alemanha	Democrata pleno	,2960	1724	,25462	10,5%
	Democrata iliberal	,4104	26	,29954	0,2%

	Total	,2977	1750	,25562	10,6%
Polónia	Democrata pleno	,6444	334	,29392	2,0%
	Democrata iliberal	,7811	78	,23617	0,5%
	Total	,6703	412	,28864	2,5%
Chéquia	Democrata pleno	,4070	996	,24977	6,1%
	Democrata iliberal	,5799	195	,26985	1,2%
	Total	,4353	1191	,26102	7,2%
Eslováquia	Democrata pleno	,6278	624	,28086	3,8%
	Democrata iliberal	,6257	235	,24685	1,4%
	Total	,6272	859	,27184	5,2%
Itália	Democrata pleno	,4367	734	,27543	4,5%
	Democrata iliberal	,5690	132	,23804	0,8%
	Total	,4568	866	,27410	5,3%
Croácia	Democrata pleno	,5611	309	,31480	1,9%
	Democrata iliberal	,7839	192	,23005	1,2%
	Total	,6465	501	,30500	3,0%
Eslovénia	Democrata pleno	,4518	344	,28019	2,1%
	Democrata iliberal	,5625	28	,25003	0,2%
	Total	,4602	372	,27926	2,3%
Estónia	Democrata pleno	,6483	452	,31120	2,7%
	Democrata iliberal	,7140	19	,29794	0,1%
	Total	,6509	471	,31064	2,9%

Letónia	Democrata pleno	,5817	181	,34068	1,1%
	Democrata iliberal	,7646	62	,24905	0,4%
	Total	,6284	243	,32916	1,5%
Lituânia	Democrata pleno	,7587	195	,22752	1,2%
	Democrata iliberal	,7901	136	,20442	0,8%
	Total	,7716	331	,21855	2,0%
Finlândia	Democrata pleno	,3076	526	,26314	3,2%
	Democrata iliberal	,4531	28	,27188	0,2%
	Total	,3149	554	,26526	3,4%
Suécia	Democrata pleno	,1807	568	,19471	3,5%
	Democrata iliberal	,3392	28	,27059	0,2%
	Total	,1881	596	,20144	3,6%
Noruega	Democrata pleno	,1925	605	,22316	3,7%
	Democrata iliberal	,3672	18	,30868	0,1%
	Total	,1975	623	,22764	3,8%
Dinamarca	Democrata pleno	,2325	1760	,20425	10,7%
	Democrata iliberal	,3908	58	,27292	0,4%
	Total	,2375	1818	,20856	11,1%
Islândia	Democrata pleno	,1647	890	,16867	5,4%
	Democrata iliberal	,3597	11	,28665	0,1%
	Total	,1671	901	,17168	5,5%
Total	Democrata pleno	,3355	14655	,28315	89,2%

	Democrata iliberal	,5954	1783	,28545	10,8%
	Total	,3637	16438	,29469	100,0%